

**BRUNA BARDINI**

**IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS:  
CORPOREIDADE E SINGULARIDADE**

Monografia apresentada como requisito parcial para  
conclusão do curso de Licenciatura em Educação  
Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade  
Federal do Paraná.  
Turma T - Professor Iverson Laudewig

Orientadora: Prof. Rosecler Vendruscolo

## Nessa Vida

Apáticos, curvados, quietos, cabeça cai  
Expressão carregada, com dor  
Tudo tão triste, sem cor  
O tempo demora, olhar se esvai

Dor nas pernas, nas costas, no peito, na alma  
Dor de cabeça, de estômago, de abandono  
De solidão, carência de afeto  
Dor doida, sofrida...Crônica, infinita

Dor da vida  
Anestesiados da dor  
Vida sem vida  
Dor esquecida

Resgate da essência  
Sopro que resta, olhar ilumina  
Carinho conforta, anima  
Desperta pra vida

Olhar brilhando, sorrindo, dançando  
Falando, emocionando, vivendo  
Por quanto tempo?  
Por uma hora... e ate quando?

Bruna Bardini

### **Dedico**

A todos os profissionais da Educação Física, meus companheiros nesta luta

E aos Idosos, os protagonistas da mesma

## AGRADECIMENTOS

Aos professores e amigos que contribuíram na minha formação acadêmica, proporcionando um grande aprendizado nos âmbitos profissional e pessoal

As pessoas que mais amo, minha família, que sempre me apoiou, respeitando e valorizando minhas escolhas, compartilhando minhas angústias e alegrias

Em especial, aos meus amados alunos, grandes amigos, imensamente importantes nesta caminhada, me permitindo acreditar nesta linda profissão e juntos desvendá-la

Sem vocês não seria possível!!!

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>vi</b>
<b>1.0 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO.....	07
1.2 OBJETIVOS.....	09
<b>2.0 REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>10</b>
2.1 CORPOREIDADE E SINGULARIDADE.....	10
2.2 CORPO E SOCIEDADE.....	11
2.3 REALIDADE ASILAR.....	13
2.4 O IDOSO INSTITUCIONALIZADO E SEU CORPO.....	15
2.5 RESGATE DE UM CORPO SINGULAR, HISTÓRICO E SOCIAL.....	17
<b>3.0 METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>4.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>41</b>

## RESUMO

Voltando o olhar aos idosos institucionalizados percebe-se a necessidade de um resgate do corpo, onde o corpo tenha ações preservadas em suas próprias ações – preservando seus sentimentos, desejos, prazeres, criatividade – para garantir-lhes um lugar onde o sujeito e sua essência sejam prioridades. Para tanto, surgiu a necessidade de refletir sobre a prática do profissional de Educação Física junto a grupos de idosos institucionalizados e suas possíveis contribuições em relação ao (re)descobrimto de seus corpos e suas identidades, resgatando vestígios de corporeidade e singularidade ainda existentes. Para isso, entende-se a necessidade de analisar a realidade asilar hegemônica brasileira e, especificamente, a realidade do asilo estudado, sendo uma Casa de Repouso localizada na cidade de Colombo, no Paraná; afim de refletir sobre suas normas, rotinas e as relações que se estabelecem entre os idosos e a instituição; percebendo também sua relação com o próprio corpo e com o mundo através das aulas de Educação Física ministradas semanalmente nesta pesquisa. Esta Casa abriga vinte e quatro idosos e grande parte deles se encontram em condição de abandono familiar. Este estudo caracteriza-se como pesquisa participante, compreendendo um processo de base teórica com a utilização de materiais literários na área da Educação e da Educação Física, voltados à corporeidade, cultura e identidade e a partir disso, a realização e a elaboração de relatórios de observação das aulas, abrangendo os assuntos que contribuem com a problemática estudada.

Palavras-chave: idosos, asilos, corpo, identidade.

## 1.0 INTRODUÇÃO

### 1.1 Problema

Os cursos de licenciatura em Educação Física, em geral, objetivam em seu currículo a formação profissional relacionada à área escolar, lazer, saúde e ao esporte de alto rendimento, valorizando a fase infantil, adolescência e adulta e desprestigiando a velhice, não garantindo aos graduandos informações e vivências voltadas a este segmento da sociedade.

A oportunidade de participar de um projeto de extensão universitária do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, que se intitula “Sem Fronteiras: atividades corporais para pessoas em idade madura e idosos” proporcionou além das intervenções práticas com o grupo de idosos, um maior conhecimento teórico a partir da realização de pesquisas. Através de leituras surgiu o desejo de refletir sobre a questão dos idosos institucionalizados, visto sua situação de abandono e isolamento do convívio social.

Tendo como instrumento de trabalho o corpo e o movimento, deve-se ter uma visão mais ampla sobre o corpo, de forma a compreendê-lo em sua totalidade e sua integração com o mundo, livrando-se de amarras reducionistas que nos prendem a conceitos fragmentados, separando corpo e alma, mente e físico, biológico e psicológico, fisiológico e cultural. De acordo com GUEDES (1995, p.85), precisamos fugir da lógica formal que dificulta nossa apreensão do fenômeno corporeidade dentro de sua complexidade. E acrescenta:

Nossa prática parece perdida numa encruzilhada de conceitos que vão desde os modismos até o próprio meio acadêmico. O saber que tanto procuramos em relação à abrangência do nosso trabalho, no envolvimento com os corpos que encontramos os nossos entre uma prática e outra, não está nos discursos que os dissimularam entre a eficácia e o rendimento, nem entre a beleza imposta pela mídia, nem nos conceitos de saúde veiculados pelos interesses escusos que enfocam imagens de corpos fortes, saudáveis e dóceis. Estas imagens corporais fragmentadas foram nos influenciando nas tentativas de corresponder às verdades estabelecidas historicamente, as quais objetivavam a unificação dos seres, massificando os movimentos, desumanizando os corpos. E assim, cada vez mais cálculos foram feitos, medidas

foram tomadas e o esquecimento do humano ficou camuflado pelas tabelas, performances e descrições estatísticas. (GUEDES, 1995, 86)

De acordo com o exposto, percebendo a consciência do corpo, e sua possibilidade de contribuição para a percepção da situação do homem no mundo, podemos encontrar seu lugar no processo educativo em nossas práticas corporais norteadas pela relação corpo-mundo-consciência<sup>1</sup> estabelecido através da construção do conhecimento a partir do horizonte existencial de cada um, voltando-se ao (re)descobrimiento dos corpos, dando estímulos em direção a compreensão de suas efetivas possibilidades como construtor de si mesmo e da sociedade.

MOREIRA (1995, p.64) afirma: "O acesso a uma concepção global do homem só se dará por meio do corpo, pois este possui uma expressão que dialoga e faz comunicar-se com outros corpos...o corpo não pode ser encarado como simples habitação do espírito, pois sem ele o espírito não se concebe". E acrescenta "Advogar uma educação corporal é lutar pelo princípio de uma aprendizagem humana e humanizante, em que, em sua complexidade estrutural, o homem pode ser fisiológico, biológico, psicológico e antropológico". Desta forma, percebendo o corpo do indivíduo não somente como um simples corpo, mas um corpo humano que só é compreensível através de sua integração na estrutura social.

ASSMANN (1995, p.52) reforça a importância da corporeidade na ação pedagógica:

O assunto Corporeidade é tão agudamente relevante para a Educação em geral, para a vida humana e para um futuro humano neste planeta ameaçado, que urge alargar nossa visão para incluir necessidades ainda não suficientemente despertadas, mas que seguramente se manifestarão mais e mais ao ritmo da deterioração da Qualidade de Vida. Porque Qualidade de vida, mesmo no seu sentido mais espiritual, sempre significa Qualidade da Corporeidade vivenciada. (ASSMANN, 1995, p.52)

Voltando o olhar aos idosos institucionalizados, percebe-se corpos deixados de lado, como se o corpo não servisse mais, como se o corpo não fosse o próprio idoso.

---

<sup>1</sup> A relação consciência-mundo é estudada por Merleau-Ponty, mediante rigorosa descrição fenomenológica, partindo da concepção da corporeidade. Ele resgata o homem total em seus três enfoques perceptivos, o físico, o vital e o espírito, contribuindo assim para ultrapassar a dicotomia corpo/espírito.(GRANATO)



Deve haver um resgate do corpo, onde o corpo tenha ações preservadas nas suas próprias ações, preservando seus sentimentos, desejos, prazeres, criatividade; sem as amarras do “enquadramento” asilar. Para assim, estes corpos reconquistarem suas essências, que a cada instante, estão se perdendo. É preciso pensar o corpo como “o visível que se vê, um tocado que se toca, um sentido que se sente” conforme as palavras de Merleau-Ponty. Enfim, estes corpos precisam ser vistos, tocados, percebidos e ouvidos para garantir-lhes um lugar onde o sujeito e sua essência sejam prioridades.

Para que esta atuação seja de fato significativa e consistente, é necessário analisar a realidade asilar, suas normas e rotinas; os idosos envolvidos, as relações que estabelecem com a instituição, com o próprio corpo e com o mundo. E ainda, de forma crítica e consciente perceber as necessidades dos idosos, sendo de fundamental importância à elaboração dos objetivos nas intervenções dos educadores físicos. Contudo, como contribuir para o resgate da singularidade de idosos institucionalizados através da Educação Física?

### **1.3 Objetivo**

- Analisar a realidade asilar especificamente em uma Casa de Repouso localizada na cidade de Colombo no Paraná e a situação de vida dos idosos que nela habitam.
- Refletir sobre a prática do profissional de Educação física junto a grupos de idosos institucionalizados e suas possíveis contribuições em relação ao (re)descobrimento de seus corpos e suas identidades, resgatando vestígios de corporeidade e singularidade ainda existentes.

## 2.0 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 Corporeidade e Singularidade

O corpo concretiza a existência, estabelece relações com o mundo. MERLEAU-PONTY, citado por MOREIRA (1995, p.44), nos diz que “O corpo próprio anima e nutre o mundo, sendo ao mesmo tempo nutrido por este. Torna-se necessário, então, reconhecer que é preciso existir para que o mundo exista, assim como necessitamos que o mundo exista para que possamos existir”.

MORAIS, citado por BRITO (1996, p.154), afirma que “*somos (e não temos) um corpo*”, e esclarece que a proposição “não é restrita, no sentido de que as pessoas sejam apenas um corpo. O corpo pode ser, em sua maneira de pensar, a expressão densa do espírito, assim como o espírito pode ser a expressão impalpável do corpo”.

“Somos um corpo como forma de presença no mundo” (BRITO, 1996, p.154), e este, sendo a verdadeira expressão da existência dos seres humanos, vive intensamente o presente, carregando vivências do ontem e a imprevisibilidade do amanhã. Conforme GUEDES (1995, p.41), o corpo é, e o é por ter no presente a sua integridade, carregando histórias e símbolos que o fazem reagir ao que o meio lhe propõe, sempre na intenção de satisfazer suas necessidades e desejos, sendo esta intencionalidade o que unifica as suas estruturas, tornando-o um ser uno e indivisível. E afirma que a falta de intencionalidade rompe as estruturas, separando em partes isoladas, tornando o corpo algo que possuímos, que está fora de nós e podemos usufruir dele, representando o dualismo que está presente em nossa cultura. Cultura esta, dualista e didática, que contradiz o que somos, um sistema integrado, fusão entre “corpo-alma-natureza-sociedade”.

Os seres reagem a cultura estabelecida pelo meio absorvendo-a, sendo de grande significado à própria existência de cada indivíduo. De acordo com GUEDES (1995, p.46), como seres culturais, resgatamos toda uma bagagem de conhecimentos,

atos e pensamentos, porém, em essência, possuímos o que poderíamos chamar de reflexões originais, questionamentos próprios de uma vivência que é diferente de todas as outras. Falando, assim, de uma singularidade corpórea. E é nesta singularidade corporal que se desvela a essência, a individualidade da cada ser humano, sendo o próprio sentido da existência. Somos ao mesmo tempo essência e existência, cada um de nós é um único sujeito diferente (em essência) de todos os outros, porém, apreendemos coisas comuns a todos os outros (na existência).

A identidade social é construída através de categorias (crenças, raças, sexo, entre outros) que cumprem papéis. Porém, já diz MONTEIRO (2001, p.46) que “o humano é subjetivo, indeterminado, e não um objeto que possa ser classificado em série”. E pensando na questão dos estigmas existentes em nossa sociedade relacionados ao velhos, ele afirma: “ a velhice não pode ser vista exclusivamente por uma perspectiva biológica, porque o humano não é somente uma entidade biológica. É também um ser social, cultural, psicológico e espiritual. Assim, cabe a nós questionar profundamente essas teorias para que possamos revelar a face obscurecida do velho que se esconde aos nossos olhos por trás das máscaras da identidade social”.

## **2.2 Corpo e Sociedade**

Enquanto seres culturais, históricos e sociais somos marcados pelas trajetórias traçadas pela humanidade. De acordo com MEDINA (1990, p.43), o corpo é apropriado pela cultura e é modelado, sendo um suporte de signos sociais. Desde o nascimento, as instituições assumem seus papéis preparando o corpo para o convívio social, e assim, o corpo vai sendo violado por um conjunto de regras socio-econômicas que sufocam, domesticam, oprimem, reprimem, “educam”.

Nossa cultura percebe o corpo como algo restrito ao biológico, sendo o corpo separado da alma. Segundo MEDINA (1990, p.49) “esse ainda é o senso comum na nossa cultura. Se por trás dos condicionamentos e determinações sociais, buscamos a

nossa emancipação, a nossa liberdade, na presença de um corpo uno e integrado nas suas relação com os outros corpos e o mundo, conceitual e também pragmaticamente ainda não conseguimos fugir as divisões. Culturalmente o homem tem vários corpos, dependendo de sua prática e do ângulo de análise em que pende sua reflexão.” Contudo, “é preciso superar a visão do corpo como um simples objeto, um utensílio cuja preocupação básica é o rendimento e a produtividade tecida pelo lucro. O corpo não deve ser apenas um objeto sendo inscrito na categoria do jurídico, isto é, estar sempre sendo julgado como feio ou bonito, bom ou ruim, grande ou pequeno, forte ou fraco, magro ou gordo, feminino ou masculino, preto ou branco, sensual ou impotente, novo ou velho, rico ou pobre,...e a partir daí ser discriminado, deixando-se de lado sua natureza dialética.”

Conforme MEDINA (1990, p.54) “O corpo não deve ser uma peça que cumpre a sua função (de produtor, reprodutor ou consumidor) dentro da engrenagem social de um capitalismo periférico, dependente e selvagem que tem como meta a lucratividade a qualquer custo”. E acrescenta, “a competição feroz que se estabelece nesse regime não permite que o autenticamente coletivo e solidário tenham espaço. Uma experiência desumanizante do indivíduo é a consequência natural do processo. Uma pessoa só é entendida como elo de identidade social, quando interessa à lógica da produtividade lucrativa”.

Uma pessoa é o seu corpo. Vive ao nutri-lo e faz dele expressão do amor, gerando novos corpos. Morto o corpo, desaparece a pessoa. Contudo, chegamos ao século 21 e ao Terceiro Milênio num mundo dominado pela cultura necrófila de glamourização de corpos aquinhoados pela fama e pela riqueza, e exclusão de corpos condenados pela pobreza ou marcados por características que não coincidem com os modelos do poder (FREI BETO, 2000, p.29)

Em nossa sociedade fazemos um reconhecimento do outro a partir do lugar social que ocupamos, deste modo são construídos “contornos demarcadores de fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens” (BARDINI, 2003 *in*: LOURO, 2001).

ASSMANN (2001, p.116) afirma que “escapar desta lógica é o desafio lançado a todos os seres humanos que ainda insistem em sonhar e ter esperança, como é o caso

- espero! – de muitos que se dedicam a tarefa da educação”. E ainda, ao discutir a relação entre corpo e sociedade, e a própria Educação Física, nos convida à pergunta: “de que corpo e sociedade estamos falando? Daqueles do mundo que consegue manter-se ‘incluído’? Ou, também, daqueles que não tem nem o direito à sobrevivência garantido?”. Nossa cultura por muito tempo tem reservado um lugar social obscuro aos idosos, a eles não é garantido o direito a vida. DEBRET (2002, p.59) afirma que a miséria e exclusão, que acompanham vastos segmentos da população brasileira, se tornam mais amargas na velhice. E acrescenta:

“...aos problemas próprios do envelhecimento se somam os problemas de uma população cuja experiência, ao longo de todas as etapas da vida, foi marcada por condições de vida amplamente desfavoráveis que tendem a se agravar na velhice. A pobreza e a miséria da população brasileira em geral se tomam, então, paradigmáticas na velhice.” (DEBRET, 2002, p.59)

O cenário mundial do mercado produziu em nossa sociedade contemporânea a visão de que só quem for competitivo merece viver, ou seja, quem não conseguir derrotar e eliminar o outro perde o direito de reclamar para si o direito de viver. Através de reflexão sobre esta situação citada por ASSMANN (2001, .116) pode-se perceber seu reflexo na visão da sociedade em relação aos idosos, e assim, a dificuldade de se reverter este quadro injusto e mortificante.

## 2.3 Realidade Asilar

Pesquisas revelam que há um despreparo, tanto das pessoas como das instituições, para lidar com o envelhecimento e a velhice, o que potencializa a ocorrência de certos tipos de maus-tratos cometidos contra o idoso. CASTRO (2003) no tema de seu artigo já diz “Asilos não tem estrutura para abrigar idosos”, e com o respaldo de Aparecida Yoshie Yoshitome, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Processo de Envelhecimento do Departamento de Enfermagem da

Unifesp, e da acessora da área técnica da Saúde do Idoso do Ministério da Saúde Neidil Espinola da Costa, afirma que “o asilo deve ser a última opção para o idoso”, e aponta alternativas como os “Centro-Dia ou Hospital-dia, onde o idoso passa o dia e à noite volta para casa. Mas essas instituições também existem em número insuficiente. Segundo Neidil, elas não chegam a dez no Brasil”.

CASTRO (2003) comenta a defesa de Neidil a idéia de revitalização dos asilos já existentes e do desenvolvimento de novas propostas, “como os agentes comunitários, que vão prestar assistência aos idosos em casa, ou aquela em que é dado o suporte para a família manter o idoso em casa” e a vontade de “não se criar mais nenhum asilo nesse país”.

O sistema atual das instituições para idosos é caracterizado pela disponibilidade limitada de opções, de oportunidades de escolha e de informações (MacNeil e Teague In. WIER SMA, 2000). A entrada em uma instituição causa uma drástica mudança de vida e introduz muitos efeitos negativos na saúde e na qualidade de vida.

Como será o cotidiano institucional? Se pudéssemos inverter os papéis, e sentir a real experiência destas pessoas, talvez fosse mais fácil entender que danos e benefícios são vividos. Mas talvez uma mera reflexão individual seja o suficiente para perceber a problemática situação da institucionalização. Já imaginou como é ruim passar dias inteiros sem sair de uma moradia? Ter que comer somente o que lhe for oferecido e em horários estabelecidos por outras pessoas? Sem liberdade de nem opinar sobre sua própria vida? Ter seus desejos, opiniões, sentimentos; totalmente desvalorizados? Dividir um quarto com pessoas, a princípio desconhecidas, e que o (a) fazem perder toda a privacidade? (BARDINI & BARDINI, 2003)

Segundo Elaine Wiersma, a institucionalização é uma prática prejudicial a todo envolvido. A falta de autonomia característica na vida institucional promove os sentimentos do descontentamento, que, por sua vez, abaixam o bem estar total (DONNENWERTH e PETERSEN in: WIER SMA, 2000). Além do mais, a propensão de quedas e o envelhecimento acelerado são agravantes decorrentes do alto grau de inatividade física (SOARES, 2003, p.87).

O Estatuto do Idoso é um marco extremamente importante na legislação brasileira para se ter um suporte de defesa aos direitos dos idosos. Ele tem um posicionamento forte contra a permanência de idosos em instituições. Pela nova lei, a família tem a obrigação de cuidar do idoso. O abrigo asilar só deve ocorrer em

caso de completa ausência de parentes ou como medida de proteção para garantir a sobrevivência do idoso. Abandoná-los em hospitais ou casas de saúde acarreta detenção de seis meses a três anos e multa. No entanto, é importante que fique claro que esse marco não é suficiente, uma vez que a sociedade em todos os níveis, seja no nível das políticas, seja no nível da comunidade ou dentro das famílias, ainda não está preparada para lidar com o idoso. (LOBO, 2004)

## **2.4 O Idoso Institucionalizado e seu Corpo**

De acordo com NERI (1993, p.27), antes de ingressar em uma instituição asilar (modelo hegemônico no Brasil), os idosos já eram influenciados por nossa cultura, e antes mesmo de serem idosos, em todas as suas fases da vida, tiveram suas atitudes e desejos tolhidos pela busca de padrões e reconhecimento social. Conseqüentemente, qualidades como iniciativa, liderança e autodeterminação tiveram pouca ou nenhuma oportunidade de se desenvolver, dando causa a submissão no momento de asilagem. Essas condições são provavelmente potencializadas pela insegurança decorrente da mudança de ambiente e do senso de incontrolabilidade gerado pela vida em instituição.

A qualidade de vida na velhice tem relação direta com a existência de condições ambientais que permitam aos idosos desempenhar comportamentos biológicos, sociais e psicológicos adaptativos (NERI, 2002, p.133). Vários fatores levam os idosos institucionalizados em direção ao completo isolamento e falta de sentido existencial; ocorrendo neste ambiente poucas atividades no sentido de proporcioná-los experiências em outra direção. Desta forma, os idosos começam a se comportar de acordo com as influências do meio exterior, se adequando. LAWTON, citado por NERI (2002, p.133), desenvolveu o conceito de 'docilidade ambiental', sendo o declínio da competência em detrimento ao comportamento determinado, crescentemente, por fatores externos.

Conforme o exposto, percebe-se conseqüente “perda de auto-identidade e do equilíbrio psicológico” (DEBRET, 2002, p.57). E ainda, “para a Organização Mundial da Saúde, qualidade de vida é a percepção do indivíduo quanto a sua posição na vida, no contexto da cultura e do sistema de valores em que vive, levando em conta suas metas, expectativas, padrões e preocupações...abrange seis domínios: físico, psicológico, nível de independência, relações sociais, meio-ambiente e aspectos espirituais” (NERI, 2002, pg.73). Neste momento surge a pergunta: algum destes domínios é garantido no espaço asilar?

Percebendo as conseqüências da nossa cultura e a falta de atitude dos idosos em relação às implicações deste sistema asilar em suas vidas, passamos a analisar estas marcas em seus corpos, gestos e expressões. Pois o idoso é um ser singular e individual, que segundo MOREIRA (2001, p.57) vive um processo de vida particular e peculiar, opondo-se ao paradigma da generalidade. E acrescenta:

O processo dinâmico da vida caracteriza-se por continuidades nas quais todos os indivíduos oscilam entre o surgir e o desaparecer, o todo e o nada, a vida e a morte. Portanto, o ser com sua existência é muito maior que modelos mensuráveis. Enquanto a ciência se fundamentar nesses modelos, mais distante estará do entendimento do universo humano (MONTEIRO, 2001, p.58)

Segundo DEBRET (2002, p. 60) em nossa sociedade contemporânea “os estereótipos do abandono e da solidão, que caracterizam a experiência de envelhecimento, são substituídas pela imagem dos idosos como seres ativos, capazes de oferecer respostas criativas ao conjunto de mudanças sociais que redefinem a experiência do envelhecimento. Novas formas de sociabilidade e de lazer marcariam essa etapa da vida, reciclando identidades anteriores e redefinindo as relações com a família e parentes”. Em contra partida, na realidade das instituições asilares “o idoso perde a privacidade e a individualidade” (CASTRO, 2003; *in*: YOSHITOME, 2003), e assim, tornam-se corpos vistos e acreditados de sua inutilidade, corpos que não servem mais, já gastos, sem conserto, com pouco movimento, pouca expressão, corpos que pouco falam, que se fecham, que sentem a dor do abandono, do esquecimento da vida, corpos, somente corpos, como se não mais tivessem vida, e é nestes corpos que se depositam essa existência insignificante e sem sentidos. Que aliás, produz a alienação,



que causado pelo problema de distanciamento que a pessoa vive de seu próprio corpo (BRITO, 1996; *in*: LOWEN, 1977).

Segundo MONTEIRO (2001, p.78), os velhos afastados e isolados nutrem-se de um sentimento de desesperança, insegurança e desproteção que causa sofrimento devido à falta de sentido na vida. Esse vazio existencial faz com que o velho fique suscetível à doenças, porque uma vida sem sentido gera desespero, depressão e perda de auto-estima, retirando-lhe qualquer motivação para enfrentar os seus desafios e reconhecer aquilo que lhe está faltando para restabelecer uma melhor qualidade de vida.

## **2.5 Resgate de um Corpo Singular, Histórico e Social na Educação Física**

Em reflexões relacionadas ao envelhecimento, atividade física e qualidade de vida; e percebendo o homem social e sua necessidade básica à comunicação (AFONSO, 2002, p.173), surgem questões como esta:

“...os indivíduos são mais felizes quando continuam integrados à sociedade; tal alegria de viver depende de seu auto-conceito e auto-estima que, por sua vez, decorrem das possibilidades de realização pessoal, de maneira independente e autônoma. Pode-se deduzir do exposto que, para estarem relacionadas com melhorias na qualidade de vida, as iniciativas de promoção da saúde deveriam, em primeiro lugar, aumentar as condições de escolhas esclarecidas. Concomitantemente, seria preciso investir no desenvolvimento dos aspectos individuais e coletivos que incrementassem as chances de se agir conforme estas escolhas, de maneira que o indivíduo pudesse concretizar seus objetivos vitais. Encarada como estratégia de promoção de saúde, o estímulo a atividade física regular não poderia fugir a estas características.” (FARINATTI, 2002, pg.80)

Dentro deste processo de busca por um homem que reencontre sua humanidade o professor de Educação Física tem condições de assumir papel grandioso, sendo para isso necessário que reflita sobre suas concepções de corpo, de indivíduo, de sociedade, sobre a realidade circundante e os elementos que permeiam suas relações.

A atividade física implica movimento, e toda forma de movimento implica relação e comunicação. As pessoas se comunicam...também com o corpo, esteja ele em movimento ou parado. Os olhares, os gestos, os movimentos das mãos, dos dedos, dos braços, de todo o corpo; a forma de mover-se, de deslocar-se, os gestos que adotamos, as expressões do rosto, a forma de reagir corporalmente diante de situações diversas, tudo isto é comunicação...ela também se estabelece por meio das sensações, agradáveis ou desagradáveis, que percebemos e sentimos de tudo o que nos rodeia, sejam coisas ou pessoas.(GEIS, 2003, p.59)

A Educação Física tem como objetivo o desenvolvimento integral do indivíduo. De acordo com BRITO (1996, p.148) “a educação e o educador devem dar-se conta da natureza do homem integral e da necessidade do conhecimento de seu aspecto interno e externo”. E quanto a ação educativa, acrescenta a importância de “reconhecer em cada pessoa um construtor de idéias, um ser humano que cria utopias, que sonha, que inventa, que constrói mundos”. Neste sentido a Educação Física deve sempre estar preocupada em ajudar no processo construtivo de novos valores para o corpo social, entendendo que a história social é construída pelo coletivo de sujeitos históricos. “A aptidão física é vista como fenômeno exclusivamente biológico uma vez que seus condicionantes sociais, econômicos, culturais e políticos não estão contemplados em seus programas” (FARINATTI, 2002, pg.80). O discurso que sustenta esta afirmação, que reduz nossa área de conhecimento, precisa ser superado na tentativa de construção de uma nova sociedade. Assim sendo, entende-se, de acordo com (MARINELLI, 2003), que a Educação Física deve cumprir papel formador, deve perceber que seus alunos precisam se conhecer, conhecer a situação de seu grupo social e como este age e pode agir no contexto social, e isto, através do trabalho com os elementos da cultura corporal de movimento, encarando-os como são: uma construção coletiva cheia de intencionalidades e sentidos.

A cultura corporal de movimento, em sua complexa e vasta gama de elementos, precisa ser compartilhada de maneira igual. Todo o conteúdo construído pela história deve ser de acesso a todos que constroem a história de nossa contemporaneidade. Além disso, acredito em uma educação fundamentada na sensibilidade. As aulas de Educação Física devem proporcionar espaços em que a sensibilidade dos alunos possa ser desenvolvida. O primeiro passo para que o indivíduo haja com criticidade é que seja sensível à situações que encontrar em sua vida. (MARINELLI, 2003)

Contudo, novas visões, ancoradas em uma educação do campo afetivo parecem necessárias para contemplar o futuro da prática pedagógica da Educação Física (BRITO, 1996, p.145), e ainda, “se identificamos as práticas corporais como componentes que podem servir como identificador/interventor de dada realidade social e se pensamos na transformação social, precisamos procurar novas formas de entender a presença delas nas instituições” (MARINELLI, 2003).

### **3.0 METODOLOGIA**

#### **Caracterização do estudo**

A abordagem desta pesquisa é da linha interpretativista, enquadrando-se na metodologia da pesquisa participante. “A pesquisa participante é um tipo de trabalho científico e pedagógico *com e sobre* o saber, que deseja participar da dinâmica da transformação da cultura” (BRANDÃO, 2002, p.106). Esta pesquisa de campo estabelece “relações comunicativas com as pessoas ou grupos da situação investigada” (CUNHA,2003), e assim, tem a característica de produzir conhecimentos a partir da participação e cooperação de todos os envolvidos na situação pesquisada.

É muito importante se levar em consideração o caráter político da pesquisa, questionando, constantemente, à quem serve esta ciência. Para AMUSA(2003) “uma pesquisa participante, a serviço da integração da comunidade, sob o controle de um programa de educação e desenvolvimento, pode chegar a ser, pouco a pouco, uma pesquisa que participe da mobilização popular sob controle dos movimentos das classes populares. E este é também o caminho pelo qual a pesquisa participante (pesquisadores, educadores com o povo chegará a ser um dia uma pesquisa popular (povo com educadores-pesquisadores)”.

#### **3.1 Sujeitos**

A população-alvo do estudo foi de idosos e idosas residentes em uma Casa de Repouso localizada na cidade de Colombo. É um asilo privado que existe há cinco anos. Este foi escolhido por tratar-se de um local totalmente precário de atividades

direcionadas aos idosos, pelo número médio de habitando na casa, e o fácil acesso ao local.

Nesta instituição encontra-se pessoas com problemas de saúde e com seqüelas de doenças vivendo com falta de apoio e recursos. Apartados do convívio social, grande parte deles está abandonado pela família. Alguns idosos estão na casa a bastante tempo, três ou quatro anos. A maioria não caminha, mas poucos usam cadeiras de roda, e também não usam óculos. Não tem nenhuma atividade destinada aos idosos, vivem uma triste rotina de comer e dormir, sendo até nestes aspectos inapropriada, pois a alimentação é escassa, sem higiene adequada, sem privacidade (os quartos são pequenos e possuem em média três ou quatro camas), acompanhados de dores negligenciadas e cheiros insuportáveis. Além disso, não possuem um atendimento médico e cuidados de acordo com as necessidades.

Amostra foi constituída por trinta e duas pessoas, sendo que alguns não são idosos. Segundo a proprietária, a capacidade máxima da casa era de vinte e quatro pessoas, assim foi inicialmente. Com o tempo alguns idosos não estavam mais na casa e chegaram outros. No final haviam vinte e oito, ultrapassando o limite. Encontrou-se nesses grupos pessoas que não se enquadram na categorização de idosos, no entanto, não foram excluídas da composição da amostra do estudo.

### **3.2 Instrumentos**

Como ferramenta de estruturação do trabalho, inicialmente realizado um processo de base teórica com a utilização de materiais literários na área da Educação, Educação Física, Envelhecimento e Velhice; seguindo da realização de aulas em uma Casa de Repouso localizada em Colombo, a elaboração de relatórios de observação pela própria pesquisadora, e uma entrevista semi-estruturada feita à proprietária da Casa, abrangendo os assuntos que contribuem com a problemática estudada.

### 3.3 Procedimentos

A pesquisa de campo foi realizada durante o período de agosto a dezembro deste ano, com encontros semanais, somando quinze ao fim (o dia do primeiro contato, dez aulas, três visitas e a festa de fim de ano). Sempre aos sábados, com exceção de algumas visitas e aulas (segunda ou quarta-feira).

Nesse sentido, ao utilizar a observação durante as aulas de praticas corporais junto ao grupo, como instrumento primordial de destaque dos comportamentos, das atitudes e dos depoimentos espontâneos, com a ajuda fundamental da entrevista é possível identificar pontos convergentes e divergentes entre nossas reflexões e a fala da responsável. Seguindo um princípio primordial da pesquisa participante, que é, o significado da experiência se caracterizando na ação do dia-a-dia, possibilitando uma análise mais profunda através da observação das ações e do seu discurso.

É importante ressaltar que muitas das falhas e omissões<sup>2</sup> presentes na coleta de dados, por meio da observação, foram minimizadas em virtude do permanente contato e do ambiente de liberdade de expressão dos idosos durante as aulas. Uma vez que, as anotações nos relatórios, foram utilizadas no sentido de registrar todos os momentos de cada aula, ou seja, descrever por escrito todas as manifestações verbais e ações dos sujeitos, com ênfase em observações pertinentes a problemática de estudo.

Trivínos (1987), avança um pouco nessa questão nos dizendo que, também, devemos registrar as reflexões que possam surgir das observações realizadas. "... Elas representam ou podem representar as primeiras buscas espontâneas de significados, as primeiras explicações. Podem ficar como um produto final do estudo, ou sofrer reformulações ou desaparecer, finalmente".

Contudo, a partir das observações e reflexões registradas nos relatórios (sobre as visitas a casa e das aulas de atividades corporais) e das entrevistas semi-estruturadas (realizadas com a responsável pela casa), criou-se grandes grupos de categorias para a orientação das análises dos dados coletados, sendo elas: Diagnóstico

---

<sup>2</sup> Para maiores explicações sobre limitações e omissões na observação e entrevista, ver Haguette (1991).

e Intervenção da Educação Física, subdividindo-se. As categorias da análise estabelecem vínculo com a revisão de literatura realizada ao longo da pesquisa.

Com o objetivo de resguardar o estabelecimento participante(ou alvo) deste estudo e as pessoas envolvidas, serão tratados por letras e combinações.

## **4.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 Categorias de Análise**

#### **4.1.1 Diagnóstico**

##### **4.1.1.1 Normas e Rotina da Casa**

Toda instituição possui normas e rotinas a serem cumpridas para a manutenção da ordem. Neste asilo, ao perguntar para a proprietária sobre as normas, disse não possuir. Somente o que comentou é que alguns idosos ajudam na realização de tarefas como: cuidar do portão, recolher as roupas do varal, cuidar das plantas. Quanto a rotina, existem horários pré-estabelecidos para higiene pessoais, refeições e visitas. De acordo com a proprietária “a única atividade que tem é a de vocês. Eles nunca tinham nada”. Enfim, constata-se grande negligência à momentos prazerosos na vida destes idosos moradores do asilo estudado, e faz-se importante destacar a grande impossibilidade de escolhas dos idosos em suas vidas.

A casa possui uma equipe técnica composta por dois enfermeiros (um homem e uma mulher) e cinco mulheres que cuidam do serviço da casa (da limpeza, alimentação, entre os demais afazeres, como ajudar no banho dos idosos, trocar roupa, transportá-los, etc). Diariamente trabalham na casa um enfermeiro com duas ou três “serviçais”, conforme informações da proprietária, porém várias vezes já foi presenciado momentos com a ausência de enfermeiros. Este número é insuficiente pensando na quantidade de idosos, caracterizando-se como um ponto que comprova a falta de condições adequadas de vida dentro da instituição, o que confirma a falta de estrutura dos asilos citada por autores pesquisadores da área (CASTRO, 2003; NERI, 1993; DEBRET, 2002).



As atividades propostas aos idosos, realizadas nesta pesquisa, proporcionam momentos distintos, diferenciados da rotina da Casa. “Não basta viver, precisa-se viver plenamente, de maneira realizada e integrada ao seu meio.” (FARINATTI, 2002, p.80)

#### **4.1.1.2 Relacionamento Idosos x Asilo**

Algo certo é a vontade, de ao menos a maioria dos idosos, de sair do asilo. A vida que se leva em lugares como este deixa as pessoas à parte do resto do mundo, afastados, isolados. Os dias passam e são muito parecidos, como se o tempo parasse no mesmo lugar, causando vários transtornos a vida destas pessoas. “Baixos níveis de saúde na velhice associam-se com altos níveis de depressão e angústia e com baixos níveis de satisfação de vida e bem-estar subjetivo. (OKUMA, 2002; in: NERI, 2002).

WIERSMA (2000) nos fala das drásticas transformações que ocorrem na rotina do idoso ao ingressar em um asilo ou seja, as consequências negativas que isto acarreta para a vida do idoso, e nesta pesquisa foi possível perceber.

Na aula de tema “quem sou”, alguns depoimentos confirmam:

- “...Atualmente como hóspede de asilo p/ idosos, sintome como um prisioneiro, vendo diariamente as mesmas paredes, os mesmos semblantes, submetendo-me sempre aos mesmos rituais de horário. Tudo sem uma função! ” H.
- “Não gosto muito daqui. Eu quero me mudar. Quero ter a minha casa”.

Em uma visita:

- Sebastião disse: - Fiquem aqui para almoçar! Eu expliquei que não poderia ficar e ele acrescentou “Fiquem para almoçar e depois eu vou embora com vocês. Eu quero ir embora”.

Por outro lado, a proprietária da Casa, na entrevista realizada, comenta: “ O C. quando vai para a casa da irmã ele quer voltar, rapidinho ele quer voltar”. E na atividade de tema “quem sou” V. escreveu: “Eu sou muito feliz. Meu lema é sorrir. Aqui aprendi muita coisa...”.

Percebeu-se que a equipe de funcionários é sobrecarregada em suas atividades, e conseqüentemente, compromete a qualidade do atendimento aos idosos. Além disso, percebeu-se um tratamento distante e às vezes grosseiro. Como um dia em que uma funcionária falou a um senhor ao término da aula: – Hoje você não vai almoçar, está de castigo, fez malcriação! Ele ficou angustiado sentado em sua cadeira de rodas balbuciando algumas palavras que não se entendia.

A proprietária da Casa, ao ser questionada quanto ao sentimento de abandono dos idosos, comenta: “Não, a segurança deles é comigo. Eu sou alguma coisa para eles. Eu falo ‘a mãe está indo mas eu já volto’. É mentira, eu só volto no outro dia. Não tem como ficar aqui vinte e quatro horas”. Quanto aos idosos, em vários momentos foi constatado certo temor em relação a ela, em frases como “senão sobra pra mim, ela briga comigo”.

#### **4.1.1.3 Relacionamento Idosos x Familiares**

Apesar das aulas ocorrerem em um dia destinado a visitas, raras vezes presenciou-se o encontro dos idosos com seus parentes, mas diversas vezes foram citados em conversas. Logo no primeiro dia, ao cumprimentar uma senhora, que estava sozinha em um quarto sentada no chão, suas palavras foram: – Eu quero ir para a casa do meu sobrinho. Percebe-se um grande apego e talvez uma idéia fixa, infelizmente em algo improvável.

Um telefonema no aniversário, uma visita esporádica, traz momentos de alegria aos idosos. Em várias ocasiões verificou-se certo apego aos parentes. Um deles foi na aula em que foram presenteados com correntinhas pelo dia internacional do idoso no qual alguns idosos lembraram de seus parentes, pedindo mais correntinhas para dar à filhos e familiares.

Mas com certeza, também existem magoas. Como o forte relato de H. “- A minha família quer me cremar, os meus amigos do bar também”, referiu-se ao asilo chamando de crematório.

O A.T. disse que está na Casa por briga com as irmãs. Em uma aula em que deveria escrever sobre si registrou: “...Estou aqui internado por causa de briga na família, que briga comigo. Mais um dia eu vou embora daqui desse hospital e trabalha. É nunca mais ninguém me enterna”.

Na presença de parentes, percebe-se pouca comunicação de ambas as partes. Conforme LOBO (2004) a sociedade em todos os níveis, inclusive dentro das famílias, ainda não está preparada para lidar com o idoso. A proprietária do asilo comentou a falta de interesse dos familiares relatando o último acontecimento: “A dois dias atrás a Julia entrou em coma, foi levada para o hospital e quando entramos em contato com a família, a resposta foi: - Eu só vou visitar quando ela estiver no lar. Eles não percebem a importância que tem para a pessoa que está doente a atenção e o carinho”. A partir desta afirmação e de nosso breve contato, a impressão foi a de pessoas preocupadas com o bem-estar de seu parente asilado, mas com certo distanciamento. Isto vai de encontro às palavras da proprietária da Casa quando diz “Os parentes não querem se envolver, e pensam ‘tem alguém cuidando’”.

Poucos momentos foram presenciados, os mais marcantes foram:

- Em uma aula, o A.D. estava participando e depois saiu, pois chegaram três parentes seus. Quando acabou a aula, depois de me despedir de todos, fui até seu quarto. Ele estava em sua cama e seus parentes sentados na cama do lado. Haviam levado uma marmita e ele estava comendo. A Valdevina também chegou na porta junto comigo. Nós os cumprimentamos. Logo eles perguntaram a Valdevina, com tom de afirmação: “É bom aqui, né?!”. E ela imediatamente respondeu: - Não é não. Eu estava acostumada a comer polenta às três horas da tarde, agora são duas bolachinhas. Perguntaram pelo meu trabalho e eu expliquei. Percebi que não havia diálogo com o A.D., por ambas as partes.

- No último dia, no qual fizemos uma festa, vários familiares foram até lá. Em certo momento fui cumprimentar a T.R. que estava em seu quarto, muito

desanimada e não queria participar. Lá estava sua filha, pedi licença e fui abraçar e beijar a T.R.. Ela disse não estar bem, muito triste e deprimida. A filha, sentada em uma cadeira do lado oposto da cama, tentou animá-la dizendo coisas como “Você tem que ficar bem, se animar”. No final da tarde, quando sua filha foi embora, chorou dizendo: “Ela foi embora, não me levou junto. Eu queria ir com ela”.

- A filha da B.B. me disse ‘- A minha mãe não entende as coisas direito, ela não conversa muito’. Eu logo respondi, para as duas, que nós conversamos bastante, sim. ‘Nos entendemos muito bem’. E a B.B. concordou mexendo a cabeça.

#### **4.1.1.4 Relacionamento entre os Idosos**

##### **4.1.1.4.1 Pouca comunicação**

Desde o primeiro momento é possível constatar que o contato entre os idosos é mínimo. Existe harmonia e respeito, porém eles mantêm pouco contato entre si, pouco diálogo. No relatório do primeiro dia foi registrado: “Nesta sala haviam vários idosos, todos sentados, nem se olhavam, nem olhavam para a televisão que estava ligada.”

Um aspecto relevante a ser lembrado é a grande dificuldade de entender o que dizem, além de dificuldades na audição, visão e locomoção. Não usam óculos nem dentaduras, com certeza não por falta de necessidade, e sim, falta de auxílio. Poucos possuem cadeiras de roda, os demais que necessitam são transportados da cama, para o sofá e para o banheiro (inclusive o almoço destes acontece no braço do sofá). Alguns têm a visão prejudicada, outros pouca estabilidade nas pernas para caminhar, dentre outros problemas. Tudo isto, sem dúvida, prejudica bastante no relacionamento entre eles. De acordo com NERI, citada por OKUMA (2002), “as dificuldades do idoso de realizar as atividades da vida diária, devido a problemas físicos, ocasionam dificuldades

nas relações sociais com outras pessoas e na manutenção da autonomia, trazendo prejuízo a sua saúde emocional.”

#### **4.1.1.4.2 Apego**

Mesmo com poucas demonstrações – levando em consideração a falta de expressão e atitudes em qualquer direção – percebe-se uma empatia por parte de vários idosos em relação a pessoas específicas e a todo o grupo morador da Casa.

Durante uma aula, tendo como proposta dar nós em um barbante pensando em sentimentos que desejam a todos da Casa, teve um espaço para contarem ao grupo seus pensamentos, e o depoimento que mais chamou a atenção foi da A.G., que desejou “muito amor, apego a Deus, paz, saúde, muitas alegrias para essas pessoas maravilhosas” e depois quis falar novamente referindo-se ao merecimento de todos os idosos a esses sentimentos. Percebeu-se grande satisfação ao som de suas palavras. Palavras doces e amorosas como em poucos momentos escutam.

Em outros momentos de aula:

- “O E.D. (cadeirante) comentou sua vontade de dançar, e sua satisfação de ver a L.N. dançando, a qual ele chamou de meu amor”.
- “M.A. estava deitada, ela estava triste porque o M.T. havia morrido há dois dias. Contou a T.R., e disse que todos estavam chateados.”
- O V.D., um senhor bastante ativo, comentou comigo ao término de uma aula sua amizade com a B.B., sua companheira de chimarrão, e que até ganhou uma cuia de presente da filha dela por ele sempre atendê-la. E concluiu: “Eu me preocupo com ela, estou sempre ajudando”.

#### **4.1.1.4.3 Desprezo**

Durante as aulas não houve momentos de intriga ou desentendimentos, e também neste caso, precisa ser recordada a questão da apatia quase que constante dos idosos. A proprietária comentou que o H. é o único que briga e maltrata as pessoas. Porém, em algumas conversas e atitudes percebeu-se certa repulsa. Em falas como:

- S.B., com bastante revolta, chamou o grupo de “um bando de macacos que vivem se arrastando”.
- A V.R. e a T.R. disseram que não agüentar mais a Alice, e afirmaram que “ela é louca”. ]
- A V.D.A. referiu-se aos idosos da casa de “um bando de trapo”.

E atitudes como:

- “O C.L. que estava ao lado da J.D. ficou pegando no braço dela e emitindo alguns sons. Ela ficou nervosa e gritava: – Sai daqui, sai daqui. Tirem ele de perto de mim.”
- “fui ajudar o J. a melhorar sua postura na cadeira de rodas e o G.S., que estava sentado em uma cadeira ao lado, disse: ‘- Não adianta, esse aí não adianta. Você arruma e ele já desce na mesma hora.’ Não pareceu nem um pouco sensibilizado com a situação do J., menos ainda estimulado a tentar ajudá-lo”.

#### **4.1.1.5 Idoso x Próprio Corpo**

Analisar a relação dos idosos com seu próprio corpo diz respeito a analisar o ser humano e como ele lida consigo mesmo. E isto não é tarefa fácil, tratando-se de uma análise através da observação de outras pessoas. Ainda assim, isto é possível, pois esta relação se reflete no comportamento humano. BRITO (1996, p.156) contribui:

“Uma pessoa é a soma de suas experiências de vida, registradas na sua personalidade e estruturadas em seu corpo. Nesse caso, o corpo denuncia, revela muito mais do que aparentemente é percebido. Na concepção de Lowen, a atitude do indivíduo em relação à vida, ou seu estilo pessoal, refletem-se no seu comportamento, em sua postura e no modo como se movimenta. Por outro lado, o homem é um ser sensível que sente, percebe e experimenta sensações e sentimentos; por conseguinte, dado que o corpo expressa quem se é, o que se sente também pode ser definido pela expressão do corpo.” (BRITO, 1996, p. 156)

Pensando na avaliação subjetiva que cada um faz de si, de sua qualidade de vida percebida, os pontos mais contemplados em nosso contato e observações foram: dores e desconforto, as doenças relatadas, as alterações no domínio físico e cognitivo, a condição de abandono e inutilidade, o constante desânimo de viver, porém, em momentos de aula, também percebe-se entusiasmo e esperança.

Alguns depoimentos como forma de elucidação:

- O L. derrepente começa a gritar e se curvar com uma expressão de muita dor, ao perguntar o que ele está sentindo, onde está doendo, e apesar da dificuldade de compreensão em sua fala, deixa claro a palavra “derrame” que se repete ininterruptamente por algum tempo. Além dele, vários outros também comentam de seu derrame ou outras doenças que deixaram seqüelas.
- a J.L. em grande parte do tempo mantém-se com o tronco inclinado no braço do sofá, com dores.
- O E. comentou sua angustia de não conseguir fazer as coisas sozinho, ele acha muito triste, mas acredita que é um “carma de vida” que ele tem que passar.
- No final de uma aula a A.G. comentou sobre a mesma: “é bom para fazer viver. Vocês fazem este recinto viver”. E a R.S. acrescentou: “Trazem vida e alegria. Eu estava triste e agora estou bem melhor”.
- Depoimento de H.: “ - Eu estou aqui porque eu não presto mais, não sirvo mais pra nada.”

#### **4.1.2 Intervenção da Educação Física**

#### **4.1.2.1 Objetivos**

Com o objetivo geral de contribuir em relação ao (re)descobrimento de seus corpos e suas identidades, atentou-se a questões como liberdade de expressão e autonomia, além da valorização, aceitação e troca de experiências. É preciso “reconhecer o movimento como fonte de expressão, invenção e criação da própria existência. Nesse contexto, antes de compreender o homem como um autônomo ou um robô, compreendê-lo como uma obra de arte, ‘toda obra de arte é criada para ser contemplada, sentida e vivida’” (BRITO, 1996, p.149).

Para tanto, objetivou-se práticas voltadas para a emoção, que visam as manifestações que acompanham a existência humana, e de acordo com BRITO (1996, p.145) unificam mente-sentimento-corpo. Levou-se a atenção dos idosos a sua respiração, que segundo BRITO (1996, p. 158) é uma manifestação da espiritualidade do corpo e comenta: “respirar profundamente é, para Lowen, sentir profundamente”, e a partir disso, atentar-se a suas partes do corpo, ao ambiente, as outras pessoas, à si próprio, seus sentimentos, aos sentidos visuais, auditivos, motores. Estes foram alguns meios utilizados na busca de um resgate da corporeidade e singularidade dos idosos moradores desta Casa de Repouso.

É preciso dar estímulos em direção ao redescobrimento dos corpos que estão com vida, mas fechados e reprimidos, para que afirmem suas identidades. Os idosos devem ser tratados com muito afeto e amor pelas pessoas que os cercam, precisam ser tratados pelo nome, serem ouvidos, aceitos, valorizados, respeitados; para que vivam com a dignidade que merecem. (BARDINI e BARDINI, 2003)

#### **4.1.2.2 Princípios e Aplicação**

##### **4.1.2.2.1 Particularidades e Dificuldades**



Cada grupo, por suas realidades específicas, tem particularidades. Nesta experiência algumas foram:

- Apatia dos idosos;
- Participação livre;
- Restrições nas atividades, muitas não são viáveis;
- A maioria das atividades sem deslocamento (sentados); poucas possibilidades de movimentação;

Algumas dificuldades:

- De proporcionar momentos de integração entre mais de duas pessoas ao mesmo tempo, realizando a maioria das atividades individualmente e algumas em duplas;
- Grande quantidade de idosos, dificultando o atendimento constante à todos;
- Somente uma vez por semana;
- Espaço restrito e pequeno;

#### **4.1.2.2.2 Individualidade e Motivação**

Atitudes simples, que às vezes parecem sem sentido ou passam despercebido, podem ser bastante importantes aos aspectos da individualidade e motivação. Nas aulas desenvolvidas por esta pesquisa, a primeira preocupação foi em relação a identificação de cada um, pois percebeu-se que todos são chamados somente de Vovôs e Vovós. E assim, após a primeira aula, já sabíamos o nome de todos.

Quanto a motivação, o primeiro passo foi explicar um pouco sobre o trabalho que passaríamos a desenvolver com eles, pedindo manifestações dos mesmos quanto ao entendimento de Educação Física, o que gostavam de fazer, etc.

O segundo aspecto relacionado, tanto a individualidade quanto a motivação diz respeito a inclusão de todos nas atividades, respeitando suas possibilidades. Já na primeira aula registrou-se:

- “Quem não conseguisse bater palmas, então bater a mão que consegue na perna, ou então bater os pés e assim por diante, para que todos se sentissem incluídos na dança realizando algum movimento”.
- “No momento da bola de jornal com durex percebemos que deveria ser algo individual, então eu joguei um pouco com cada um. Alguns só conseguiam sentir a bola, mal conseguiam segurá-la, outros conseguiam jogá-la.
- “Vários não sabem escrever, alguns nunca pegaram numa caneta, além das dificuldades físicas, como o caso do Eduardo, que com o derrame não mexe seu braço direito, fato que o impossibilita de escrever. Nesta aula eu estava sozinha, então foi bastante complicado auxiliá-los, fiz o que pude, escrevi para vários o que eles iam dizendo, mas infelizmente ao final percebi que não consegui ajudar a todos.

Por fim, outra preocupação que foi percebida durante as intervenções é a necessidade de dar estímulos individuais para que não parassem de fazer a atividade.

#### **4.1.2.2.3 Liberdade**

Buscou-se garantir um espaço de liberdade de expressão e de escolha, de pensar e de agir . Valorizá-los, não tolhendo suas iniciativas e desejos. ”Sugere-se que a distancia entre as experiências atuais do indivíduo e suas expectativas ou esperanças (em outras palavras, entre o que ele é ou faz e o que ele desejaria ser ou fazer) poderia ser um bom indicador de sua qualidade de vida em termos de autonomia (FARINATTI, 2002; *in*: CALMAN, 1984; FARINATTI, 2000).

Nas aulas, deixamos as atividades se desenvolverem de acordo com as respostas aos nossos estímulos, além de proporcionar momentos de escolhas, desde coisas que possam parecer indiferentes, como foi na construção de instrumento musical (chocalho), que tinham a opção de escolher a cor do pote (filme fotográfico preto ou

branco) e o que colocar dentro para fazer o barulho (opções: arroz, milho, feijão e pedrinhas).

Reações espontâneas:

- “O Sebastião, que até hoje não havia participado das atividades, ficou na aula o tempo inteiro e até quis fazer dois chocalhos enquanto todos fizeram um.”
- O V.D. “ tomou a iniciativa de dançar, e assim mais quatro também, porém duas não caminham e confiaram em nós para segurá-las.”
- “Quando eu o convidei à participar imediatamente ele questionou “para que? Eu estou aqui dentro trancado. Para que fazer isto? ... respondi a ele que, apesar de em todos os momentos lá dentro ele não decidir nada na sua vida - como ele já havia dito – este é um momento que é dele, que ele tem para ele, é um momento de liberdade, e que eu iria lhe dar um papel e uma caneta e gostaria que ele ficasse a vontade para decidir se faria ou não e que poderia se expressar da forma que quisesse naquele papel. Então me afastei e percebi que logo ele sentou em uma poltrona no pátio junto ao grupo e começou a escrever no papel.
- Durante a aula a Mafalda começou a rezar em voz alta, então pedimos que todos escutassem para valorizá-la, ao final aplaudimos, mas ela continuou rezando por algum tempo.

#### **4.1.2.3 Resultados das Aulas**

Após este período, percebeu-se a construção de uma relação muito forte entre nós. Mutuamente nos fazemos bem, é uma troca e uma doação. E assim confirmou-se que “a distração por meio do trabalho com atividades corporais de caráter lúdico, proporciona realização pessoal” (BARDINI, 2002, p.138).

“Na perspectiva de um envelhecimento bem-sucedido, não há como negar os benefícios da prática regular e moderada da atividade física, pois ações ligadas a adoção de ritmo de vida mais ativo, diretamente relacionado a exercícios corporais favorecem, em última análise,

melhoria da autonomia, da saúde física e psicológica, do bem-estar geral do idoso, auxiliando, na maioria das vezes a reconhecer-se como ser singular.” (COSTA, 2002, pg.131)

Pensando, na perspectiva de Monteiro (2001, p.52), "o corpo não se encontra isolado e afastado dos acontecimentos do ambiente, como também das perspectivas a respeito das situações vivenciadas. Quando há interação harmoniosa entre os sistemas orgânicos e o contexto no qual a pessoa está situada, dizemos que essa pessoa está saudável. Se ocorrem perturbações nessa harmonia, então podemos falar que essa pessoa está doente". A partir das intervenções durante este período percebeu-se que estes idosos estão doentes.

E de encontro a esta afirmação FARINATTI nos diz:

“Definidos pela experiência e pelos fatores ambientais, os modos de vida não se resumem a simples decisões sobre aceitar ou evitar certos riscos para a saúde: as escolhas oferecidas aos indivíduos são limitadas pelo meio em que vive. Os modos de vida são definidos, portanto, por um processo de aprendizagem social para o qual concorrem, em igual medida, os ambientes social e físico. Logo, mesmo que algumas mudanças de comportamento possam atenuar as dificuldades de saúde, elas são difíceis porque são profundamente afetadas por fatores extrínsecos.” (FARINATTI, 2002, pg.81)

Por fim, acredita-se que as aulas proporcionaram vários avanços na vida destes idosos, porém, percebe-se a necessidade de que estes momentos ocorram com grande frequência, sendo ainda assim um estímulo pequeno comparando-se aos tantos outros que fazem parte de suas vidas no ambiente asilar. Mas, acreditando que não adianta simplesmente estar vivo e não ter garantido as mínimas condições de uma vida com significados, percebe-se as aulas de Educação Física como uma “janelinha” que aos poucos pode se abrir e levar um pouco de luz para dentro.

## 5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho caracterizou-se pela busca de identidades que estão em crise, de seres discriminados e isolados, “com um atestado prematuro de óbito físico e social” (DEBRET,2002). Estar em contato com os idosos participantes da pesquisa, compartilhando momentos do dia-a-dia, foi de fundamental importância na tentativa de compreender suas identidades ciente de sua realidade e representatividade da mesma em seus comportamentos. Pois, a partir disso, constata-se que para o idoso reconhecer-se enquanto sujeito singular, é necessário, inevitavelmente, a condição de cidadania e relações com a sociedade. E isto, somente redimensionando sua vida cotidiana, fora do ambiente asilar, com caráter de liberdade e independência, na descoberta de novas metas de vida, possibilidades e potencialidades.

Desta forma, as aulas de Educação Física caracterizam-se por ter efeito reparador de uma situação discriminatória e injusta, amenizando, mas não resolvendo. É uma solução paliativa e não basta. Precisa-se ir a raiz dos problemas, e assim, com discussão, esclarecimentos, educação, ação pública, denúncias, enfim, seguir a luta pela humanização, pela justiça, pela liberdade, pela igualdade, por um Brasil de mudanças, por um mundo melhor.

Acreditando na importância da intervenção da Educação Física neste espaço, porque existe e não podemos deixar de percebê-lo, mas sem a ingenuidade ou pretensão de acreditar neste resgate somente por nossos esforços, percebemos a necessidade imediatista de contribuir com a qualidade de vida dos idosos. Porém, neste momento surge outra pergunta, que aliás, antecede o problema da pesquisa. Sendo ela: quais as consequências de trazer a tona a identidade destas pessoas? Visto que a saída deles deste ambiente é algo distante e improvável. Se a eles o poder público e a sociedade estão negligenciando. Será relevante? A resposta deveria ser óbvia, sendo ela: “sim, é importante para contribuir com a consciência da necessidade de mudanças e a luta protagonizada pelos próprios idosos”. Mas diante da realidade encontrada, pessoas já vítimas do sistema, sem auxílio, que segundo os próprios idosos da casa “estão todos morrendo”, sem qualquer perspectiva, sem significados para dar um passo

a frente, levando uma vida na qual talvez seja preferível a morte. O que iria convencer estas pessoas de acreditarem em si e na vida? Se nem nós estamos certas disso?

Este trabalho torna-se uma denúncia à situação lastimável de vida, se é que pode ser chamada assim, de idosos em situação de subsistência. Essa é a triste realidade brasileira, é a realidade que mantemos e a cada dia se reforça. Para tanto, não podemos ser neutros a ela, precisamos tomar medidas para transformá-la.

Sem respostas nem certezas, mas com muitos questionamentos e vontade de mudar, fica aos profissionais da área da Educação Física este espaço para refletir sobre o seu posicionamento. Pensar seu lugar no mundo em busca de ações relevantes, e diria, necessárias, se buscamos um mundo mais humano.

Acreditando que daqui a algum tempo esta situação seja vista como uma vergonha que ficou no passado...Agora, é tempo de desinstitucionalização.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, M.R. **Análise das Práticas de Lazer na Terceira Idade** Coletânea de Textos e Resumos XX Simpósio Nacional de Educação Física. PELOTAS, 2001.
- AMUSA, A **Educação como Instrumento do Saber e Poder: uma equipe pensando com Carlos Rodrigues Brandão** <http://users.hotlink.com.br/fico/refl0048.htm>
- ASSMANN, S.J. **O Direito à Vida Ameaçado**. MOTRIVIVÊNCIA, Ano XII, no. 16. Florianópolis/Sc: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- BITTENCOURT, R. C. B. **Representações Corporais em Doentes Mentais Institucionalizados** Rio de Janeiro: UCB, 1999.
- BARDINI, B. **Ser, Pertencer e Permanecer: experimentando a velhice** Caderno do V Seminário Internacional sobre Atividade Física para a Terceira Idade. São Paulo, 2002.
- BARDINI, B. e BARDINI, C. **Um olhar sob as margens obscuras da Sociedade** XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.
- BRANDÃO, C.R.(org.) **Pesquisa Participante** São Paulo, Brasiliense, 1999.
- BRITO, C.L.C. **Consciência Corporal: repensando a Educação Física**. Rio de Janeiro, Sprint, 1996.
- CAMPELLO, C. M. e RANGEL, G. **Criatividade e Corpo na Terceira Idade: imagem e emoção** in: VERAS, R.(Org.) *Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro, Relume-Dumara, UERJ, UnATI, 1999.
- CASTRO, I.A. **Asilos não tem estrutura para abrigar idosos** <http://www.unifesp.br/comunicacao/jpta/ed147/pesqui2.htm>, 2004.
- COELHO, M.N. **Linguagem Corporal: o imaginário do corpo** Rio de Janeiro, Gama Filho, 2000.
- COSTA, G. A. **Atividade física, qualidade de vida e currículo: por uma velhice bem-sucedida** Caderno do V Seminário Internacional sobre Atividade Física para a Terceira Idade. São Paulo, 2002.
- CUNHA, P. V. **Metodologia da Pesquisa** [www.lic.ufjf.br/resenha/resenha1.1.htm](http://www.lic.ufjf.br/resenha/resenha1.1.htm)
- DEBRET, G.G. **Asilos e Práticas Profissionais para uma Velhice Adequada** Motus Corporis (Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física), vol. 4 – n. 2., p.49-83, Nov. Editora Central Universidade Gama Filho, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O papel da Atividade Física para Idosos nas Políticas Públicas** Caderno do V Seminário Internacional sobre Atividade Física para a Terceira Idade. São Paulo, 2002.
- DEPS, V. L. **A Ocupação do Tempo Livre sob a Ótica de Idosos Residentes em Instituições: Análise de uma Experiência** in: NERI, A. L.(Org) *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas, Papirus,1993.
- FARINATTI **Atividade Física, Envelhecimento e Qualidade de Vida** Caderno do V Seminário Internacional sobre Atividade Física para a Terceira Idade. São Paulo, 2002.
- FREI BETO. **Políticas do corpo** Revista MOTRIVIVÊNCIA, Ano XI, no. 15. Florianópolis/Sc: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GEIS, P.P. **Terceira Idade: atividades criativas e recursos práticos** Porto Alegre, Artmed, 2003.

- GUEDES, C. M. **O Corpo Desvelado** in: MOREIRA, W.W.(Org.) *Corpo Pressente*. Campinas, Papirus, 1995.
- LOBO, I. **Falta de apoio governamental dificulta às Casas de Idosos o cumprimento das condições exigidas pelo Estatuto** [http:// www.radiobras.gov.br/centro%20imprensa/estatuto\\_idoso\\_150104/mat\\_idosos4.php](http://www.radiobras.gov.br/centro%20imprensa/estatuto_idoso_150104/mat_idosos4.php)
- LOURO, G. L. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade** 2. Ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.
- LOVISOLO, H. **Terceira Idade: Em Movimento** Motus Corporis (Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física), vol. 4 – n. 2., p.9-13, Nov. Editora Central Universidade Gama Filho.
- MARINELLI, R. **Práticas Corporais na Educação Física Escolar da Rede Municipal de Curitiba: Possibilidades para (re)descobrimento do Eu em sua essência?** 2003.
- MEDINA, J. P. **O Brasileiro e seu Corpo** Campinas, Papirus, 1990.
- MONTEIRO, P. P. **Envelhecer: histórias, encontros, transformações** Belo Horizonte, Autêntica, 2001.
- MOREIRA, W.W. (Org.) **Corpo Pressente** Campinas, Papirus, 1995.
- NERI, A.L. (Org.) **Qualidade de Vida e Idade Madura** Campinas, Papirus, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Qualidade de Vida e Envelhecimento** Caderno do V Seminário Internacional sobre Atividade Física para a Terceira Idade. São Paulo, 2002.
- OKUMA, S.S. **Um modelo pedagógico de ensino da educação física para pessoas com mais de 60 anos** Caderno do V Seminário Internacional sobre Atividade Física para a Terceira Idade. São Paulo, 2002.
- PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada** São Paulo, Atheneu, 2002.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação** São Paulo, Atlas, 1987.
- VERAS, R. (Org.) **Terceira Idade : alternativas para uma sociedade em transição** Rio de Janeiro, Relume-Dumara, UERJ, UnATI, 1999.
- WIERSMA, E. **Institutionalization of Seniors: A Necessary Practice?** Journal Of Leisureability, volume 27, número 1, 2000.



# **ANEXOS**

## ANEXO 1

### Entrevista com a proprietária da Casa de Repouso

#### 1- Casa de Repouso

##### 1.1-Breve histórico da Casa

1.2-Equipe de trabalho(quantidade, qualificação profissional, frequência de trabalho, período, etc)

1.3-Relacionamento da instituição com os familiares dos idosos

1.4-Cadastramento dos idosos(organização, ficha pessoal, principais informações)

1.5-Atividades / Funções / Normas básicas direcionadas aos idosos

A casa existe a cinco anos. Atualmente a casa atende 25 idosos e a equipe de trabalho é composta por dois enfermeiros (um homem e uma mulher) e quatro mulheres que fazem serviços gerais. Eles cumprem escalas, trabalham seis dias e folgam um.

O relacionamento das famílias dos idosos com a Casa não é muito bom. É um pouco complicado porque eles pagam 240 reais e levam 60 fraldas por mês. Quando eles vão visitar o seu parente reclamam que ele está molhado e que tem que trocar a fralda, mas para isso teriam que ter 90 fraldas e não tem como ela tirar do dinheiro dela. Ela disse que então faz esta troca de fralda a mais no dia de visita. E quando eles (idosos) ficam doentes a família não ajuda em nada, não quer saber. “A dois dias atrás a Julia entrou em coma, foi levada para o hospital e quando entramos em contato com a família, a resposta foi: - Eu só vou visitar quando ela estiver no lar. Eles não percebem a importância que tem para a pessoa que está doente a atenção e o carinho.”

Os motivos pelos quais os familiares justificam deixar o idoso no lar “é porque trabalham, dizem que incomodam, agridem, fazem coisas erradas. Mas aqui eu não vejo nada disso. Aqui a gente manda e eles obedecem.” Os parentes não querem se envolver, e pensam “tem alguém cuidando”. E eles não sentem o abandono? “Não, a segurança deles é comigo. Eu sou alguma coisa para eles. Eu falo, a mãe tá indo mais eu já volto. É mentira, eu só volto no outro dia. Não tem como ficar aqui vinte e quatro horas.”

Alguns idosos, os mais ativos fisicamente, ajudam nos deveres da Casa, como por exemplo, o Gelson cuida do portão, o Valdomiro cuida das plantas, a Leonilda pega o pão toda manhã na vendinha, além de outras atividades, como recolher roupas, etc. “Aqui a única atividade que tem é a de vocês. Eles nunca tinham nada.”

#### 2- Idosos

2.1-Breve histórico (de cada um, condição social, saúde, motivo de permanência na Casa, utilização de remédios, entre outros)

2.2-Relacionamento com a Casa de Repouso

2.3-Relacionamento com familiares

2.4-Relacionamento entre os idosos

Vários tem família. A Leonilda é a que está na Casa a mais tempo, fazem quatro anos, o seu marido também estava lá, mas ele morreu. "Eu lido com isso o tempo inteiro. Durante esses cinco anos faleceram cinquenta idosos."

Relacionamento com a Casa e parentes. "O Carlos quando vai para a casa da irmã ele quer voltar, rapidinho ele já quer voltar."

Relacionamento entre os idosos. "Eles se dão bem. Fora o Henrique, ele briga com as pessoas e maltrata. Ele não gosta de ninguém, nem dele mesmo. Esse a gente deixa de lado."

### 3-Educação Física

3.1-Interesses e objetivos da instituição com as aulas

3.2-Percepção em relação ao interesse dos idosos nas aulas

3.3-Benefícios e mudanças percebidas (relacionamento, motivação, disposição, etc)

"Estão desenvolvendo bastante. Eles ficam esperando o dia de vocês virem. É muito importante para eles, como é."

Quanto ao interesse dos idosos nas aulas, "nem todos se interessam, acho que uns 90% sim. Tem uns muito preguiçosos."

Benefícios. "Não tive nem tempo de ver este lado. Eu não paro aqui. A Verônica não erguia o braço para nada. Agora ela mexe o braço o dia inteiro. A Terezinha só ficava sentada, atrofiada. Agora ela está muito mais ativa. A Mafalda está comendo sozinha." Mas quanto ao estado ânimo e motivação? "Ah sim, estão mais alegres."

## **ANEXO 2**

### **RELATÓRIOS CASA DE REPOUSO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA**

**26/07/2003 - 1º Contato**

Um Senhor nos recebeu no portão e foi falar com a responsável para ver se poderíamos entrar para conversar com ela. Ao entrarmos no pátio alguns idosos reagiram a nossa presença com pequenos gestos, como virar a cabeça, mudar a expressão do rosto, e poucos nos cumprimentaram com palavras.

Fomos bem recebidas pela responsável da Casa, ela achou ótima a idéia de irmos toda semana dar aulas e disse que eles dificilmente recebem visita. Combinamos de telefonar para informar o dia da semana e horário que passaremos a ir na Casa e ela disse que pode ser em qualquer dia da semana depois das dez horas da manhã, pois é o horário que termina o banho.

Pedimos para conhecer a Casa. Ela não nos acompanhou porque estava fazendo o almoço porque uma das moças que trabalha não foi neste dia, e estava atrasada. Os quartos são pequenos e possuem em media três ou quatro camas em cada um, as camas estavam bagunçadas, além de um cheiro muito forte, quase insuportável. Na pequena sala tem uma televisão e dois sofás de três lugares. Nesta sala haviam vários idosos, todos sentados, nem se olhavam, nem olhavam para a televisão que estava ligada. Entramos na sala e os cumprimentamos, alguns responderam e outros reagiram com pequenas movimentações, nos apresentamos a eles e contamos que iríamos visitá-los e trazer algumas atividades para fazermos. Vários sorriram. Escutamos uns barulhos vindos de uma porta ao lado, perguntamos se havia alguém ali, responderam que sim, então perguntamos se podíamos ir ali e novamente responderam que sim.

Era um quarto, uma senhora estava sentada no chão gelado, sozinha entre as camas, com uma mosca que durante toda nossa conversa permaneceu

pousada em sua mão. Cumprimentamos ela, e ao direcionar seu olhar a nós logo falou: – Eu quero ir para a casa do meu sobrinho. Perguntamos onde ele mora e ela ficou por um tempo nos olhando e balbuciou algumas palavras que não conseguimos entender. Ficamos alguns segundos duradouros nos olhando até que ela desviou o olhar e sem saber o que fazer falamos que voltaríamos outro dia para visitá-la e dissemos tchau. Achei que ela nem fosse responder, mas para minha surpresa ela disse: – Tchau! Obrigado! Ela nos agradeceu. Não fizemos nada por ela, somente a ouvimos um pouco. Concluo que para ela foi significativo, e que eles são muito carentes de atenção, carinho e amor.

Retornamos ao ambiente da sala e nos despedimos, alguns nem nos olharam. Voltamos a cozinha e nos despedimos da responsável, ela não nos acompanhou. Saindo da cozinha nos despedimos de dois rapazes que estavam na lavanderia que provavelmente possuem distúrbios mentais, eles ficaram bem agitados sorrindo e emitindo sons com a boca. Passando pelo corredor, dentro de um quarto tinha um senhor sendo transportado da cadeira de rodas para a cama. Ao final do corredor encontramos o mesmo senhor que nos indicou onde ficava a cozinha. Ele perguntou quando voltaríamos, então respondemos que logo e perguntamos seu nome. Entendemos com bastante dificuldade o que ele dizia.

Ao passarmos no pátio(asfaltado) demos um tchau geral e desta vez mais pessoas reagiram, inclusive um deles falou: – Tchau! Vão com Deus! Venham nos ver amanhã, amanhã é Domingo, venham nos visitar. Ele nos acompanhou até o portão e ficou acenando com as mãos até irmos embora.

**09/08/2003 - 1º Aula**

**Planejamento:**

**Tema:** Ritmo e formas com jornal

**Objetivos específicos:**

- integração;
- trabalhar os sentidos motores, audição e visão.

**Materiais utilizados:** jornal, durex, aparelho de som e cd's.

**Atividades desenvolvidas:**

- Apresentação (cada um dizer seu nome)
- Atividades com o jornal individualmente: sacudindo a folha de jornal aberta para cima e para baixo, amassando o jornal fazendo uma bola, abrindo o jornal percebendo o som, rasgando em tirar ritmadas, rasgando em pedacinhos pequenos jogando no chão.
- Atividade com o jornal transformado em bola: juntar os pedacinhos e formar uma bola colada com durex. Perceber o formato e a textura, jogar a bola para cima, para outra pessoa.
- Dançando individualmente sentados, batendo palma, balançando a cabeça, batendo os pés, sacudindo os braços no alto, e ainda, de acordo com as possibilidades, dançando de pé em duplas.
- Relaxamento de olhos fechados, escutando a música.

**Relatório de observação:**

Ao entrarmos no pátio vários idosos reagiram a nossa presença nos cumprimentando, percebi que alguns nos reconheceram. Passamos pelo corredor até a cozinha, não havia ninguém nos quartos. O cheiro estava insuportável. A proprietária abriu a porta da cozinha, ficou feliz de nós ver, e disse que este horário está ótimo (onze horas da manhã) ainda mais porque o almoço estava atrasado. Ela começou a levar todos para o pátio, as que estavam na sala e os de cadeiras de roda que estavam mais próximos ao portão. As que estavam no sofá foram levadas no colo até um dos sofás do pátio ou cadeira. Antes de pegar a última que estava no sofá da sala a proprietária falou: – Acho que nem vale a pena levar ela. Então eu perguntei a ela se gostaria de participar, e ela respondeu: – Quero! Ela foi levada no colo, e com o comentário de estar pesada. Todos foram chamados somente por Vovôs e Vovós.

Até o Gelson que havia dito que não queria participar também estava por perto. A Jandira, que foi trazida em sua cadeira, estava reclamando de dor nas costas. O Carlos que estava ao seu lado ficou pegando no braço dela e emitindo alguns sons. Ela ficou nervosa e gritava: – Sai daqui, sai daqui. Tirem ele de perto de mim. A Mafalda foi até o pátio com a ajuda do rapaz que abriu o portão para

nós. Ela estava reclamando que sua toca estava suja e pediu para que fosse lavada. Ele respondeu a ela que estava limpa, ela insistiu pedindo e ele não deu ouvidos sentando-a no sofá. Bom, estavam todos reunidos e começamos nos apresentando e explicando um pouco sobre o trabalho que iremos desenvolver com eles a partir deste dia. A Mafalda nos interrompeu pedindo para que lavassem sua toca, o mesmo rapaz pegou sua toca e em uns dois minutos trouxe novamente para ela dizendo, ou melhor, mentindo que foi lavada. Ela me olhou e perguntou se era verdade, se eu havia visto. Fiquei sem reação e fiz que sim com a cabeça.

Depois aprendemos o nome de todos, esta parte foi bastante demorada, estavam em vinte e três e vários tem dificuldades na fala. Uma Senhora, a Mariana, chamou muita atenção, o tempo inteiro ela estava sentada e curvada com o rosto virado para o canto, ela foi a última a dizer seu nome, e quando chegou a sua vez ela nem sabia o que estava acontecendo, não prestou atenção, pois o tempo inteiro se manteve naquela posição. Então perguntamos seu nome, e antes dela responder dois ou três disseram que era Ana, e então ela disse: – Mariana. Eles comentaram que não sabiam que era Mariana. A partir deste momento ela ficou virada para nós, e quando entregamos o jornal para o Carlos que estava a sua frente ela percebeu que tinha uma receita de comida e comentou: – Uma receita. Eu perguntei se ela queria a receita para ela e então recortamos o pedaço e demos outra folha para o Carlos. Ela guardou a receita em seu bolso. Enfim, entregamos os jornais dizendo seus nomes. Nesta atividade podemos perceber as limitações de cada um, e já percebemos também evoluções. A que mais impressionou foi aquela em que a Fátima falou que não valia a pena levar. Ela estava com os dois braços imóveis e as mãos fechadas no peito, sempre nesta posição. Colocamos o jornal entre seus dedos e quando pedimos para mexer o jornal para cima e para baixo, depois de algum tempo ela conseguiu elevar o braço, estava maravilhada, emocionada, e com nossa ajuda levou o braço para o lado. A partir daí ela continuou movimentando seu braço esquerdo, e depois cantou todas as músicas, seu olhar brilhava, estava vivendo aqueles momentos intensamente.

No momento da bola de jornal com durex percebemos que deveria ser algo individual, então eu joguei um pouco com cada um. Alguns só conseguiam sentir a bola, mal conseguiam segurá-la, outros conseguiam jogá-la, mas todos com certas dificuldades. Mesmo assim, foi um momento muito legal, eles percebiam o formato, a textura, eles riam e interagiam comigo. Foi muito interessante, uma simples atividade, mas algo diferente da rotina em que vivem.

Começou a tocar uma valsa e todos demonstraram satisfação, o Valdomiro, um senhor alto e aparentemente saudável, tomou a iniciativa de dançar, e assim mais quatro também, porém duas não caminham e confiaram em nós para segurá-las. Depois começou um samba e incentivamos todos a movimentarem os braços, pernas, cabeça; interagimos com vários dando as mãos. Quem não conseguisse bater palmas, então bater a mão que consegue na perna, ou então bater os pés e assim por diante, para que todos se sentissem incluídos na dança realizando algum movimento.

No relaxamento eles se soltaram bastante, relaxaram com a música, alguns sorriam e não tinham mais aquela expressão carregada de quando chegamos. Alguns também se emocionaram ao ponto de encher os olhos de lágrimas.

Nos despedimos agradecendo pela aula e informando que passaremos a ir todos os sábados no mesmo horário deste dia. O Valdomiro quis dar algumas palavras de agradecimento e de boas vindas, dizendo que somos muito queridas e carinhosas, que trouxemos para eles alegria e energia. Também comentou que eles acham que os jovens não dão atenção para eles, e que fica feliz de ver que tem jovens que se preocupam com eles.

Quando acabou fui conversar com o Sebastião que ficou na atividade só no momento da apresentação. Perguntei porque ele não participou, ele respondeu que gostaria de atividades mais agitadas, ele é um pouco mais novo e chamou o grupo de "um bando de macacos que vivem se arrastando", falou com bastante revolta. Não sabia o que dizer, somente pedi a ele que participasse da próxima vez, que preparamos as atividades para todos e que eu ficaria feliz se ele participasse conosco. Então me despedi e fomos embora.



Foi mágico, não esperávamos este retorno. Corpos que pareciam sem vida, e de repente estavam sorrindo, movimentando-se, cantando. Muito pouco eles interagiram entre eles. Porém conosco, a relação que tivemos através do olhar e do contato físico foi incrível, parecia que nos conhecíamos há anos, uma harmonia maravilhosa, uma entrega, uma troca que muito nos emocionou.

**16/08/2003 - 2º Aula**

**Planejamento:**

**Tema:** Ritmo e movimento com sacolas plásticas

**Objetivos específicos:**

- desenvolver ritmo e expressão

**Materiais utilizados:** sacolas plásticas, aparelho de som e cd's.

**Atividades Desenvolvidas:**

- aquecimento articular

- criação de sons e movimentos com a sacola

- ginástica com a sacola (elevação frontal, rosca direta, pressão manual)

- música e dança.

**Relatório de observação:**

Quando chegamos percebemos que já estavam nos esperando, já estavam todos no pátio. Porém, logo na entrada, estava a Jandira em sua cadeira de rodas e disse que não iria participar. Vários sorriram a nos ver. A Leonilda me disse algumas coisas, não deu para entender direito, mas ela disse que está na Casa a quatro anos e que seu marido morreu, entendi que por isso que ela foi para a Casa.

Vários acontecimentos durante a aula foram marcantes. Um deles foi o Eloy, que sempre quieto, levantou para dançar mesmo com todas as suas dificuldades motoras, estava bastante entusiasmado. O Eduardo (cadeirante) comentou sua vontade de dançar, e sua satisfação de ver a Leonilda dançando, a qual ele chamou de meu amor.

Durante a aula a Mafalda começou a rezar em voz alta, então pedimos que todos escutassem para valorizá-la, ao final aplaudimos, mas ela continuou rezando por algum tempo.

A todo momento tínhamos que dar estímulos individuais para que não parassem de fazer a atividade, mesmo percebendo que estavam gostando.

No final da aula, as moças começaram a levá-los para almoçar. Eles estavam com fome. O João (cadeirante) me disse que estava com muita fome, e quando uma das moças se aproximou dele, eu achei que ela fosse levá-lo, mas ela disse: – Hoje você não vai almoçar, está de castigo, fez malcriação! Na hora fiquei assustada e perguntei para o Eduardo, que estava do lado e também escutou, se era verdade. Ele disse para eu ficar tranqüila que o João ia almoçar sim. Depois que a moça falou o João ficou inquieto e angustiado, ele é um dos que tem bastante dificuldade na fala.

Conhecemos o Paulo, ele é enfermeiro e começou a trabalhar ali a pouco tempo. Ficamos de combinar um dia para conversarmos sobre os problemas de saúde de cada um, pois é importante sabermos para nossas aulas. Achei ele bem prestativo. A Fátima não estava lá e ele nos disse que agora com ele lá ela está indo bem menos, está meio que deixando a responsabilidade para ele.

### **23/08/2003 – 3º Aula**

#### **Planejamento:**

**Tema:** Ritmo e música – Construção chocalho

#### **Objetivos específicos:**

- interação com as crianças do Lar Scheleder
- apreciação musical, experimentação e criação de novos sons
- liberdade de escolha e identificação com o seu instrumento musical

**Materiais utilizados:** pote de filme fotográfico, milho, arroz, feijão, pedrinhas, papel, caneta, durex, aparelho de som e cd's.

#### **Atividades Desenvolvidas:**

- Apresentação das crianças do Scheleder

- Experimentação dos instrumentos das crianças
- Construção dos chocalhos
- Experimentando sons e ritmos com os chocalhos

#### **Relatório de observação:**

Neste dia foram conosco seis crianças do Lar Scheleder (que estão para adoção). Ao chegarmos, elas cumprimentaram os idosos e foram agradáveis. A Jandira (cadeirante) não quis nem se aproximar para ver a apresentação das crianças, justificou-se dizendo brava que ela não é criança. A Rosangela me mostrou o novo hospede dizendo que ele recém chegou na Casa, tem depressão e não fala com ninguém. Ele estava sentado no sofá da sala com a cabeça baixa e os braços encolhidos no peito. Entrei e me aproximei dele, deve ter seus trinta e tantos anos, me abaixei até sua altura e encostei em seus braços, ele me olhou e eu me apresentei, perguntei seu nome e ele respondeu baixinho. Expliquei que agora ia acontecer uma atividade no pátio e perguntei se ele gostaria de vir comigo para participar. Ele fez que sim com a cabeça.

Após reunirmos todos no pátio, apresentamos as crianças, contamos que são nossos alunos e que também estão tendo aulas de ritmo e música e vieram para conhece-los e se apresentarem. Enquanto as crianças cantavam e tocavam seus instrumentos musicais (criados e construídos por eles), podia-se perceber a expressão de grande parte dos idosos de emoção, muito atentos e alguns sorrindo, e um forte aplauso final. Logo sugerimos que as crianças mostrassem seus instrumentos para os idosos para que eles experimentassem tocar, foi muito legal esse momento de interação, apesar de as crianças estarem um pouco retraídas. Todos os instrumentos foram tocados por todos os idosos. Alguns diziam que não sabiam ou que não conseguiam, mas incentivados foram tocando e prestando atenção nos diferentes sons e ritmos. Todos foram surpreendentes, mesmo aqueles com muitas dificuldades conseguiram tirar alguns sons. Estavam bastante motivados.

Após este momento as crianças se despediram, com um tchau "geral" e foram embora. Então contamos aos idosos que agora era a vez deles de construir um instrumento musical. O instrumento é um chocalho, sendo um pote de filme

fotográfico (preto ou branco) com algo dentro (opções: arroz, milho e feijão) para fazer barulho ao sacudir.

A participação foi grande. O Sebastião, que até hoje não havia participado das atividades, ficou na aula o tempo inteiro e até quis fazer dois chocalhos enquanto todos fizeram um. Colocamos o nome de cada um no seu instrumento musical. A Rosângela, que é mais nova, me ajudou a colocar com durex os nomes.

Não havíamos encerrado a aula quando as moças começaram a levar os idosos para almoçar. O Eduardo foi o primeiro, nem chegou a construir o seu chocalho, o enfermeiro nos disse que era melhor que ele almoçasse antes para depois não atrapalhar o andamento do almoço (todas as outras aulas quando termina ele fica esperando todo mundo comer, ele é sempre o último, ao contrário deste dia). E mais para o final começaram a levar outras pessoas e consequentemente a aula acabou. Neste momento o Eduardo já havia terminado seu almoço, então fiz com ele seu chocalho. Eu mostrei a ele as opções de sementes e ele disse que não conseguiria pegá-las, aí eu insisti e ele escolheu e com certa dificuldade as pegou. Depois de pronto eu fiz alguns movimentos para ele escutar, ele gostou bastante mas ficou um pouco decepcionado porque ele disse não ser mais capaz de desempenhar desta forma por suas limitações ocasionadas pelo derrame que teve. Imediatamente eu disse que ele é capaz de fazer sons muito bonitos, somente precisa praticar. Neste momento ele me contou que tem muita vontade de fazer fisioterapia, que ele sabe que é muito importante, pois a tendência é ele ficar mais atrofiado se não se movimentar, mas que infelizmente custa dinheiro e ele não consegue pagar. Conversamos mais um pouco e fui me despedir de todos. O Eduardo me chamou novamente para me contar que recebeu uma ligação da Alemanha, pois semana passada foi seu aniversário e sua irmã ligou para parabenizá-lo. Ele estava muito feliz, estava realmente feliz com este acontecimento. Perguntei a ele se ele tinha mais irmãos e ele disse que além dessa tem mais uma que mora aqui no Brasil, mas em outra cidade.

Vários nos convidaram para almoçar , como sempre, mas precisávamos ir e também por enquanto me falta coragem para encarar a comida pelo cheiro e a falta de higiene que percebo na Casa.

#### **24/09/2003 – Visita**

Fui com um amigo visitá-los. No portão estava o Gelson, e logo me perguntou se a Fátima sabia que eu viria. Respondi que sim, então ele disse que iria lá dentro perguntar para ela se eu poderia entrar. Ele argumentou que esses dias a Fátima brigou com ele por ter deixado alguém entrar e não devia. E falou: - Eu estou cuidando do portão, se acontecer alguma coisa “sobra” pra mim.

Então ficamos esperando na frente, o Valdomiro – que havia fugido – estava de volta e junto com ele, próximos ao portão, estava uma senhora que eu não conhecia. Eles nos cumprimentaram com os braços entre as grades do portão. Então apresentei meu amigo e a senhora se apresentou. Se chama Valdevina e disse que está na Casa a dez dias. Perguntei se ela já conheceu todo o pessoal e se gostou. E ela respondeu que é “um bando de trapo”. Na hora fiquei sem reação, questionei e ela não seguiu o assunto. Logo voltou o Gelson e entramos. Ao passar para o outro lado do portão pude abraçar a Valdevina e o Valdomiro, e assim fui andando e cumprimentando a todos. A Leonilda me disse: - Está todo mundo morrendo! Olha o Ezemiro ali. Quando olhei para ele levei um susto muito grande, parecia que de fato estava morto. Ele estava sentado no sol encostado na parede com o tronco “caído” e os olhos fechados. Fiquei com medo de me aproximar, medo de descobrir o que estava acontecendo. Então fui me aproximando dele e quando cheguei perto ele se mexeu, e aí com mais tranquilidade fui falar com ele. Estava totalmente apático, quase não reagiu a minha presença. Perguntei como ele estava, mas não obtive respostas.

Segui cumprimentando os que estavam no pátio e depois na sala. Apresentei meu amigo, ele foi muito bem recebido. A Verônica abriu um sorriso quando me viu e disse que estava com saudades.

Entrei pela cozinha e fui para a lavanderia, lá tem uma mesa para refeições. Lá estava a proprietária da Casa e o enfermeiro, estavam sentados com uma papelada na mesa. Conversei rapidamente com eles, pois ao lado estava o Matias (cego) sentado em uma cadeira virado para a parede e de cabeça baixa. Dei um beijo nele e falei que quem estava ali era a Bruna, perguntei se lembrava de mim. Ele perguntou como estava o “fulano”. Eu perguntei quem, e ele repetiu um pouco bravo acrescentando além do nome “o seu cunhado”...

Saindo dos fundos pelo corredor que vai ao pátio, encontrei o Sebastião no final e ele disse: - Fiquem aqui para almoçar! Eu expliquei que não poderia ficar e ele acrescentou “Fiquem para almoçar e depois eu vou embora com vocês. Eu quero ir embora”. Fiquei sem reação, sem saber o que dizer, pois afinal, não tenho como fazer isto por ele. É muito complicado, pois eu estou lá para que “contem comigo” e me sinto praticamente de “mãos atadas” diante das situações, sinto que posso fazer muito pouco apesar da minha vontade e dedicação.

Quando fui me despedir do pessoal no pátio me apresentei para o Henrique (58 anos – problema de alcoolismo) e para a Neiva (trinta e poucos anos). O Henrique disse: - Eu estou aqui porque eu não presto mais, não sirvo mais pra nada. A minha família quer me cremar, os meus amigos do bar também. Ele falou que estava odiando estar neste lugar, o qual ele se referiu chamando de crematório. Novamente fiquei sem saber o que fazer. Falei que ele não é imprestável e que ele não precisa desistir das coisas que ele acredita ser importantes na sua vida.

**27/09/2003 – 4º Aula**

**Planejamento:**

**Tema:** Possibilidades de movimento

**Objetivos específicos:**

- Consciência corporal, percepção do seu corpo e dos outros corpos.
- interação de diferentes gerações, neste dia, com as crianças do Lar Scheleder de sete a dez anos de idade.

**Materiais utilizados:** aparelho de som e cd's.

**Atividades Desenvolvidas:**

- Apresentação Crianças Scheleder
- Atividade do Espelho
- Entrega de correntes pelas crianças aos idosos pelo Dia Internacional do Idoso

**Relatório de observação:**

Neste dia foram as crianças (de 7 a 10 anos) do Scheleder conhecê-los. Foi muito legal. As crianças foram muito bem recebidas e se comportaram muito bem. Não ficaram assustados, ao contrário, abraçaram os idosos sem o menor constrangimento. Fomos cumprimentando todos, como de costume, e levando-os para o espaço coberto do pátio para começar a aula. A Neiva, a Jandira e o Henrique não quiseram participar das atividades.

Apresentamos as crianças e elas se apresentaram, cantando uma música e depois fizeram a atividade do espelho (um faz movimentas e os outros imitam como se fosse um espelho). Nesta atividade as crianças coordenaram os movimentos para que os idosos fizessem o espelho. Foi muito boa a participação. Até o Adevonzir, que é muito quieto, fez toda a atividade. Depois convidamos o Valdomiro para guiar. E assim foi, durante toda aula. No final cantamos "parabéns" pelo dia internacional do idoso e as crianças entregaram um colarzinho para cada um (feitos por nós). Percebi que gostaram bastante do presente. A Terezinha até pediu um colar para dar para sua filha.

Na hora de ir embora perguntei ao Valdomiro onde estava o Valdomiro I. Então me contou que ele faleceu a alguns dias, encontraram morto em sua cama. Quis me mostrar a cama, que inclusive ele que está dormindo nela, e também suas roupas. Neste assunto de roupa, comentou comigo que ele está com falta de roupa, pois quando ele fugiu da Casa deram as roupas dele. Agora ele tem somente duas calças e algumas camisetas. Pediu para eu tentar trazer alguma roupa para ele. O Adevonzir estava no quarto logo em frente, então fui ali para me despedir e, para minha surpresa, tinham três parentes dele sentados na cama do lado. Haviam levado uma marmita e ele estava comendo. A Valdevina também chegou na porta junto comigo. Nós os cumprimentamos. Logo eles

perguntaram(afirmaram) a Valdevina “É bom aqui, né?!” E ela imediatamente respondeu: - Não é não. Eu estava acostumada a comer polenta às três horas da tarde, agora são duas bolachinhas. Perguntaram pelo meu trabalho e eu expliquei. Percebi que não havia diálogo com o Adevonzir, por ambas as partes. Me despedi e no portão o Gelson justificou sua ausência na aula por ter ficado responsável pelo portão. Ele ganhou a corrente e pediu mais uma para um parente seu, porém havia acabado. O Valdomiro prontamente deu uma das suas, pois ele ganhou duas a mais para dar a seus parente (seu filho).

## **04/10/2003 – 5º Aula**

### **Planejamento:**

**Tema:** Movimentos, nós e sentimentos

### **Objetivos específicos:**

- liberar tensões e emoções

**Materiais utilizados:** barbante, bolinhas de tênis, aparelho de som e cd's.

### **Atividades Desenvolvidas:**

- movimentos com o barbante, como, para cima, para baixo, sacudindo no ritmo da música rodando, contornando a cabeça, puxando e esticando pelas pontas, colocar atrás da cabeça, esfregar de um lado para o outro na nuca, couro cabeludo e joelhos, etc.

- trocar de barbante com a pessoa que está ao seu lado e dar nós, quantos quiser, pensando em coisas boas que deseja para esta pessoa e para todos da Casa. No final todos poderiam contar ao grupo os sentimentos bons que colocaram nos nós.

- Massagem em dupla com bolinha.

### **Relatório de observação:**

Nesta aula fui sozinha. O Valdomiro estava para fora do portão trabalhando com a terra. O Gelson estava no portão e foi ver com a Fátima se podia me deixar entrar. A maioria já estava no pátio. Abraçei a todos e coloquei uma música para começar a aula. Vários perguntaram pela Mela. É interessante que alguns sabem nos diferenciar muito bem. Distribui um pedaço de barbante para cada um e então



começamos a movimentar um pouco os braços segurando a ponta do barbante com uma das mãos, sacudindo-o. Depois segurando cada ponta com uma das mãos, esticando o fio e aproximando, subindo e descendo, entre outros movimentos. Eu percebi que estavam gostando, a maioria estava fazendo, mas alguns precisavam de estímulos o tempo inteiro para que não parassem de fazer. Alguns estavam ali somente de corpo presente. A Babá(Katarina) com a cabeça baixa o tempo todo, o Ezemiro apático, a Julia com o tronco inclinado no braço do sofá com dores, e mais alguns casos.

Durante a atividade enxerguei pela janela do quarto uma pessoa deitada em uma das camas. Perguntei a Terezinha quem era, pois estava de costas e eu não reconheci. Ela disse que era a Mariana e que ela estava triste porque o Matias havia morrido há dois dias. Chamei a Mariana falando seu nome e ela percebeu, então fiz o convite para participar das atividades conosco e ela veio, com seu passo devagar surgiu da porta da sala e sentou em uma cadeira no pátio. Eu a abracei e perguntei como estava. Ela fez positivamente com a cabeça.

Na hora de trocar o barbante com a pessoa do lado alguns rapidamente fizeram a troca, outros eu ajudei, por exemplo, o Eduardo que movimentava somente a mão esquerda foi trocar com a Verônica que também mexe somente um braço e com bastante dificuldade nos movimentos dos dedos. Até a Julia que estava abaixada trocou com o João (por estímulo e ajuda minha), neste caso os dois estavam apáticos, e a partir deste momento a Julia participou fazendo os nós e o João não também por não conseguir movimentar os braços. O fato de poderem dar quantos nós quisessem percebi que foi bastante motivante, pois eles não têm esta liberdade de fazer as coisas da forma que queiram. O Eduardo fez os nós com bastante dificuldade com uma mão, mas não desistiu, deu três. Ajudei a Verônica, a Olívia, O Eloy e outros. No final vários falaram sobre os sentimentos que colocaram nos nós. Inclusive a Julia, desejando “saúde, coragem e paz”. O depoimento da Aglair foi o que mais chamou a atenção, desejando a todos “muito amor, apego a Deus, paz, saúde, muitas alegrias para essas pessoas maravilhosas” e depois ela quis falar mais algumas palavras, percebi que todos gostaram.

Fizemos massagem com as bolinhas: pedi para as pessoas que conseguem caminhar levantar e escolher alguém que está sentado para fazer massagem...

Alguns pediram para ficar com as bolinhas e eu deixei, neste momento a T.R. falou que era melhor eu não deixar porque a proprietária iria jogar fora, pois ela jogou a bola de jornal com durex da primeira aula que havia ficado com ela. Então eu fui até a cozinha falar com ela, explicar que eu fiz uma atividade com bolinhas de tênis e que iria deixar algumas para que eles ficassem com elas durante a semana. Quando voltei a T.R. havia tirado a bolinha das mãos das senhoras que estavam com as bolas e me entregou. Eu a expliquei que já havia combinado com a proprietária e estava tudo resolvido. Mesmo assim, ela estava irredutível. Ela disse: - Depois sobra para mim. Então resolvi leva-la na cozinha e fiz novamente o combinado na frente das duas.

## **22/10/2003 – Visita**

Quando cheguei fui recebida no portão pela Alice, nós não nos conhecíamos. Ela ficou me falando que tem que cuidar das crianças e fazer o serviço de casa. Depois que entrei o Eduardo me falou algumas palavras bonitas de satisfação de me ver. Na parte coberta do pátio tinham algumas pessoas, estava calor, sugeri a Baba de tirar a blusa de lã e ela disse que sim. A Alice estava me acompanhando e falando sem parar. A Verônica e a Terezinha ficaram felizes de me ver e disseram que não agüentam mais a Alice, e afirmaram que “ela é louca”. Conheci mais duas senhoras. A Julia (agora tem duas Julias na Casa) e a Maria. As duas bem quietinhas e com o corpo curvado para dentro.

Fui ajudar o João a subir um pouco na cadeira de rodas porque ele estava caindo e me pediu, aliás ele está sempre assim na cadeira e não é nem um pouco confortável, sempre que ele me olha pede ajuda dizendo: - Me levanta, me levanta! E assim que a gente ajuda ele começa a escorregar novamente. Neste dia o Gelson estava sentado em uma cadeira ao lado e quando viu que eu fui ajudar o João ele disse: - Não adianta, esse aí não adianta. Você arruma e ele já

desce na mesma hora. Não pareceu nem um pouco sensibilizado com a situação do João, menos ainda estimulado a tentar ajudá-lo.

A proprietária estava na cozinha, perguntei pela Izabel fiquei sabendo que ela foi para casa de seus parentes. Fiquei feliz por achar que ela esta melhor agora, mas um pouco triste por saber que não irei mais vê-la, pois construímos uma relação muito forte.

O horário não estava apropriado para visita, pois já estavam em função do almoço. Fui conversar com o pessoal que estava almoçando na mesa da lavanderia (somente homens). Tinha um senhor que eu não conhecia, então nos apresentamos. Chama-se Antônio e disse que esta na Casa por briga com as irmãs. O Eloy abriu um sorriso e me convidou para almoçar. O Gelson reclamou da conversa sem nem olhar para mim, dizendo: - Não da nem para comer direito! E mais algumas reclamações. Então achei melhor ir embora. Falei um "tchau" geral e somente alguns responderam, a maioria estava apática. Foi um dia estranho, o clima estava mais pesado do que de costume. Parecia que todos estavam drogados.

**25/10/2003 – 6º Aula**

**Planejamento:**

**Tema:** Mímica

**Objetivos específicos:**

- Expressão corporal
- Interação entre os idosos

**Materiais utilizados:** papéis, aparelho de som e cd's.

**Atividades Desenvolvidas:**

- Aquecimento
- Dança
- Mímica

**Relatório de observação:**

Quando chegamos o Gelson estava conversando com dois homens que estavam encima do muro, estes rapazes estavam fazendo um trabalho no terreno ao lado da Casa de apoio. O Gelson, que não mostra muito o sorriso, foi ver com a Fátima se poderíamos entrar. Enquanto isso ficamos conversando com o Eduardo e Valdevina que estavam próximos ao portão, e os rapazes perguntaram o que nos iríamos fazer lá, pois estávamos com um aparelho de som. Contamos a eles que somos estudantes de Educação Física e que viemos todos os sábados para fazermos atividades variadas. E eles responderam: - Ah! Vocês vem brincar com os vovozinhos. O Gelson voltou e abriu o portão para nós.

Obs: relatório incompleto.

**15/11/2003 – 7ª Aula**

**Planejamento:**

**Tema:** Quem sou?

**Objetivos específicos:**

- Refletir sobre si, um exercício de introspecção, de autoconhecimento.

**Materiais utilizados:** folha sulfite, canetinhas, aparelho de som e cd's.

**Atividades Desenvolvidas:**

- Em uma folha, de uma lado desenhar-se e escrever características suas, e do outro, escrever coisas que gosta e que não gosta.

**Relatório de observação:**

Contei que hoje tínhamos uma tarefa muito especial e importante, deveríamos pensar sobre quem somos. Para tanto, com uma folha e uma caneta que eu ia distribuir, deveriam primeiro desenhar a si próprios, depois escrever características suas e escrever coisas que gosta e que não gosta. Vários não sabem escrever, alguns nunca pegaram numa caneta, além das dificuldades físicas, como o caso do E.D., que com o derrame não mexe seu braço direito, fato que o impossibilita de escrever. Nesta aula eu estava sozinha, então foi bastante complicado auxiliá-los, fiz o que pude, escrevi para vários o que eles iam dizendo, mas infelizmente ao final percebi que não consegui ajudar a todos.

Neste dia fiquei muito feliz pela participação do H.(56 anos), até hoje ele não havia participado de nenhuma atividade. Quando eu o convidei à participar imediatamente ele questionou “para que? Eu estou aqui dentro trancado. Para que fazer isto? É, fico então pensando e questionando a importância da minha atuação lá dentro. Mas logo respondi a ele que, apesar de em todos os momentos lá dentro ele não decidir nada na sua vida - como ele já havia dito – este é um momento que é dele, que ele tem para ele, é um momento de liberdade, e que eu iria lhe dar um papel e uma caneta e gostaria que ele ficasse a vontade para decidir se faria ou não e que poderia se expressar da forma que quisesse naquele papel. Então me afastei e percebi que logo ele sentou em uma poltrona no pátio junto ao grupo e começou a escrever no papel. O resultado foi:

Iniciou com a data, o que é bastante interessante pelo fato de estarem em um lugar em que simplesmente os dias passam e se perde a noção. Na sequência escreveu seu nome completo e idade. Desenhou seu rosto e então escreveu.

“Tive até agora no transcorrer da minha vida, atividades diversificadas, como encarregado de escritório e após trabalhando como vendedor, onde obtive o prazer de conhecer pessoalmente a metade do Brasil. – Durante mais ou menos 13 anos. –

Atualmente como hóspede de asilo p/ idosos, sintome como um prisioneiro, vendo diariamente as mesmas paredes, os mesmos semblantes, submetendo-me sempre aos mesmos rituais de horário. Tudo sem uma função! ” Assinatura

Alguns depoimentos:

“dia 15 de novembro de 2003. Eu gosto de comer macarrão ou uma comida que eu gosto. E as coisas que eu não gosto é de ficar sozinho na solidão e não gosto de briga. Sou gente boa. Estou aqui internado por causa de briga na família, que briga comigo. Mais um dia eu vou embora daqui desse hospital e trabalha. É nunca mais ninguém me enterna ...Desenhou-se....Minhas características. Eu sou carinhoso e gosto de namorar com uma mulher que também seja carinhosa e muito boa pessoa.” A.A.A.

“Eu sou muito feliz. Meu lema é sorrir. Aqui aprendi muita coisa. Gosto muito das aulas. Elas incentivam a gente.” V.

A Aglair falou somente sobre sua casa "Minha casa é simples mais muito gostosa. Eu acho minha casa muito muito acolhedora e confortável, é o ninho da família, quem não gosta de uma própria casa, acho muito importante gostar de sua própria casa pois é o ninho da família. Cheio de carinho de amor de carinho e compreensão e muito amor esta e assim é minha casa e também cheia de compreensão e amizade e amor, e esta é minha casa simples e acolhedora, esta é minha casa." A.G.

Alguns não sabiam dizer o que gostam ou não gostam, obtive respostas como: "Não sei", "não lembro", "qualquer coisa que eu tenho que fazer eu faço".

Escrevi para a M.A.: Perguntei o que gosta: "Gosto dela (Olivia que estava sentada a sua frente. Gosto dela também (Aglair que estava ao seu lado) Gosto dessa moça que trabalha aqui (obs: elas eram as únicas pessoas que estavam naquele ambiente)". Depois perguntei o que não gosta: "Não gosto muito daqui. Eu quero me mudar. Quero ter a minha casa".

**24/11/2003 – 8º Aula**

**Planejamento:**

**Tema:** Lembranças musicais

**Objetivos específicos:**

- Expressar-se através da musica,
- Exercitar a memória,
- Integração entre os idosos

**Materiais utilizados:** gravador.

**Atividades Desenvolvidas:**

- Recordar musicas e cantar.

**Relatório de observação:**

Neste dia, além da aula com os idosos, fui com a intenção de fazer a entrevista com a proprietária da Casa, pois havíamos combinado. Como de costume, entrei e fui cumprimentando a todos, abraçando, beijando e conversando. Neste dia eu estava com o gravador (para a entrevista) e logo na

entrada o Valdomiro perguntou o que eu tinha na mão, então eu mostrei e pedi para ele falar alguma coisa e depois ouvimos, ele gostou e assim fui fazendo com todos os idosos. O E.D. deu um depoimento (...posso colocar aqui...), e mais alguns (Verônica, Eloy). Isto durou um certo tempo, e quando fui para a cozinha procurar a Fátima, a enfermeira me informou que ela saiu logo que nos chegamos, e não falou se ia voltar. Ou seja, ela nos viu chegar, não falou conosco e foi embora, mas havíamos combinado. Eu ate liguei antes para confirmar. Não gosto de julgar as pessoas, mas achei um tanto quanto estranha esta atitude dela.

A R.S. falou que estavam todos muito desanimados. E realmente, percebi que eles pouco reagiram a nossa presença, não que de costume seja muito diferente disso.

Fui com a Terezinha ate o portão (a convenci) para ela me contar porque esta triste. Ela disse “ Não sei, estou muito desanimada...”

Começamos perguntando se eles gostam de musica e de cantar. Pedimos para se recordassem de musicas que marcaram suas vidas. Ou qualquer musica que gostem. Deixamos a vontade para cantar quem quisesse, mas a grande maioria não reagiu, ou reagiu negativamente, dizendo “não sei”, “não lembro”, “não sei cantar”. O Henrique achou besteira, mas depois falou que antigamente fazia musica no bar com os amigos, disse que cantava bastante, mas que não ia cantar porque as musicas tinham muito “palavrão”. A Rosangela cantou umas duas, e a Aglair e a Verônica acompanharam. Depois eu e Mela sugeríamos musicas bem conhecidas e quem sabia e quisesse cantava conosco. Cantamos varias e eles começaram a se emocionar e a participar da aula com mais interesse e entusiasmo.

Eu e a Mela cantamos uma musica para eles, fizemos uma homenagem (O teu olhar la fora, o teu olhar no céu, o teu olhar demora, o teu olhar no meu. O teu olhar, teu olhar melhora, melhora o meu. O teu olhar agora, o teu olhar nasceu, o teu olhar me olha, o teu olhar e teu. O teu olhar, teu olhar melhora, melhora o meu). A enfermeira estava participando da aula e falou que a outra moça que trabalha lá canta muito bem, então a chamamos e ela não queria cantar, mas com a insistência da enfermeira e de vários idosos ela acabou cantando. Depois disso,

fui até a Jandira que estava um pouco distante (ela quase nunca participa) e perguntei se ela gosta de cantar e se gostaria de cantar para nós. E ela topou, mas disse que estava rouca e que precisava tomar água. Eu aproximei sua cadeira de rodas do grupo e fui buscar a água em uma caneca que ela me deu (estava junto de sua cadeira). Eu gravei ela cantando e percebi que ela ficou bem feliz. Depois a Rosângela cantou mais algumas. No final, eu pedi para que durante a semana lembrassem de músicas que gostam para me contarem na próxima aula, para eu trazer as músicas para ouvirmos. Gostaram da ideia. Estavam muito diferentes do momento que chegamos. A Aglair agradeceu a aula, disse que fez muito bem a ela e a todos os idosos, referindo-se a todos dizendo “essas pessoas lindas e especiais”, e sobre a aula disse que “é bom para fazer viver. Vocês fazem este recinto viver”. E a Rosângela acrescentou: “Trazem vida e alegria. Eu estava triste e agora estou bem melhor”. Dissemos a eles que são muito importantes para nós e que também nos fazem muito bem. Abraçamos todos e fomos embora.

#### **01/12/2003 - 9ª Aula**

##### **Planejamento:**

**Tema:** Bomba-relógio – pensando os espaços

##### **Objetivos específicos:**

- interação;
- memória.

**Materiais utilizados:** uma caneta, cronômetro, aparelho de som e cd's.

##### **Atividades Desenvolvidas:**

- Aquecimento articular e alongamento
- bomba: passando um lápis de mão em mão dizendo uma palavra relacionada a: pessoas, rua, casa de repouso e sugestões deles.

##### **Relatório de observação:**

Na atividade principal tinha um tempo para estourar a bomba e combinamos que a pessoa que ficar com ela deveria dançar para nós. Eles toparam.



Rua: carro, caminhão, pedestres, carroça, ônibus, árvores,...

Casa de Repouso: portão, janelas, cadeiras de roda, sofá, teto, plantas,...

Alguns momentos mais marcantes:

- A Baba começou a chorar na sua vez porque não conseguiu dizer nada e falou que esta muito esquecida, a mela ficou conversando com ela (colocar a conversa) enquanto eu dei continuidade na atividade.

- Os que demoravam recebiam ajuda dos demais.

As moças começaram a levar os idosos para almoçar e continuamos com os que ficaram (O Henrique, o Eduardo, a Aglair, acho que o Valdomiro, confirmar com a Mela), a bomba parou no Henrique e ele deveria dançar. Ele não quis e eu sugeri que todos dançassemos com ele, então fizemos uma roda e todos dançamos. E assim acabou a aula. Ficamos conversando com o Henrique, falamos sobre a festa de fim de ano e ele ficou bastante entusiasmado, disse que lá tem uma churrasqueira que inclusive nunca foi usada, sugeriu fazer um churrasco. Ele mesmo quer fazer, e ficou explicando o jeito que ele faz para a carne ficar macia e saborosa. Ele foi almoçar e nos demos um tchau geral para quem estava almoçando na sala e na cozinha. Perguntei se o almoço estava bom e a Rosangela respondeu que “ e sempre a mesma comida, só as vezes tem carne e tem bastante verdura.” Não demonstrou muita satisfação. Uma das moças que trabalha na Casa foi abrir o portão para nos.

**20/12/2003 – 10º Aula**

**Planejamento:**

**Tema:** Consciência Corporal

**Materiais utilizados:** aparelho de som e cd's.

**Atividades Desenvolvidas:**

- Relaxamento (respiração, imaginação)
- Aquecimento articular
- Dançando com as partes do corpo (sentados)

- Dançando de pé, em roda, em fila (trenzinho), e depois em duplas com os que não conseguem caminhar.

### **Relatório de observação:**

A Alice me abraçou e ficou chorando e pedindo “Não nos deixa, não vá embora”, repetindo varias vezes, durante a primeira atividade, na qual pedi que fechassem os olhos.

Convidei a Mafalda para participar da atividade, ela disse que precisava primeiro ir ao banheiro, e pediu para eu chamar a moça que trabalha na casa para levá-la. Então eu chamei e ela disse que em seguida iria levar a Mafalda. Durante a atividade ela ficou sentada no sofá da sala, dali ela pode ver pela porta e também consegui ouvir. Eu vi que ela gostaria de estar ali conosco, mas eu não poderia sair dali naquele momento e também não conseguiria ajuda-la porque eu não agüentaria seu peso sozinha (ela caminha, mas com bastante dificuldade, pois sente muitas dores nos joelhos). Então tentei fazer com que ela participasse dali mesmo, mas não obtive sucesso, pois ela não se motivou. Quando eu estava indo embora fui me despedir e vi que ela estava no quarto ao lado da sala sendo levantada pelas calças por duas moças (que trabalham na casa) para cima de uma das camas, sem paciência elas falavam de forma grosseira coisas como “Ajuda Mafalda, vamos, você é muito pesada”. Elas desistiram e deixaram a Mafalda no chão ao lado da cama. Elas saíram e eu entrei no quarto, eu estava chateada por ela não ter participado e por ter visto ela sendo tratada daquela forma, estava ali, sentada no chão, sem conseguir levantar. Perguntei se ela estava bem, e ela disse “elas não podem comigo”, perguntei se o chão estava gelado e ela disse que não. Eu combinei com ela que ia chamar o enfermeiro para ajuda-la e me despedi com um beijo e abraço, com muito sentimento de ambas as partes.

## **ANEXOS 3**

### **Tão longe, tão perto**

Perdidos?  
Cada um tão singular  
Todos ali fechados  
Pensamentos que se perdem  
Rezas sem fim  
Próximos em existência  
Distantes em essência  
Buscar?  
Coragem!

(Bruna Bardini – 09/01/04)

### **Morte em vida**

Quem sou...sou eu  
Eu quem...quem fui  
Já foi...e agora  
Sou...não sou  
Quem sou...nem sei

(Bruna Bardini – 12/01/2004)

Raízes

Umas Negadas

Falidas

Veladas

Outras Forçadas

Amargas

Profundas

Amarras

(Bruna Bardini 12/01/04)

Idosos Institucionalizados

Ainda que ...

Com amor

Ternura

Vontade

Coragem

Ainda assim...

Não basta

Ainda que...

Impávidos

Conscientes

Sensatos

Radicais

Ainda assim...

Falta um mundo...

Democrata

Humano

Justo

Igual

(Bruna Bardini - 14/01/2004)

## CADA UM, UM

Julia...	A mim confiou
Verônica...	Risada animou
Terezinha...	Muito abraçou
Nelson...	Choro sorriu
Mariana...	Sempre levantou
Henrique...	Um motivo existiu
Eduardo...	Poesias declamou
Leonilda...	Com gosto dançou
Antonio...	Sua vida contou
Alice...	Musicas cantou
Jandira...	Foto tirou
Vitor...	Batucou
Baba...	Chorou
Isabel...	Viveu
Matias...	Morreu

(Bruna Bardini – 17/01/2004)

## Desprotegido

Sentado no chão  
A baixo de sol  
Corpo Caído  
Morto?

Sem movimento  
Olhos fechados  
Caído Corpo  
E agora?

Voz alcança  
Olhos abrem  
Ainda distantes

Ai!

Um Misto  
De alivio  
E tristeza

(Bruna Bardini - 17/01/04)

### **Corpo**

Aberto, frágil e exposto  
Fechado, restrito e perdido  
Falante, expressivo  
Mudo, esquecido

Mostra e esconde o pranto  
Faz e desfaz o encanto  
Traz e leva o mundo  
Alivia e machuca fundo

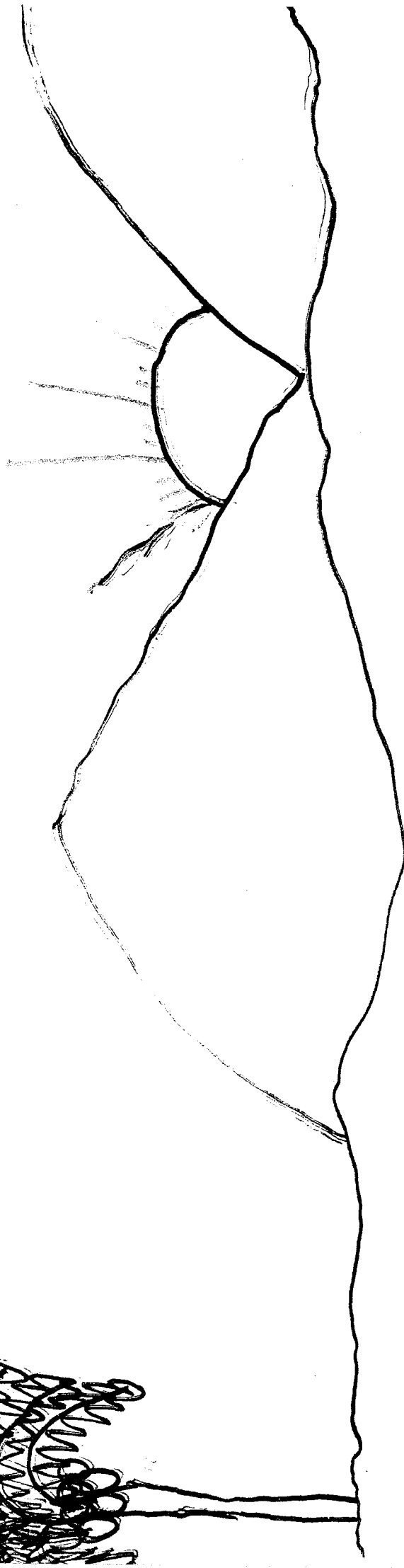
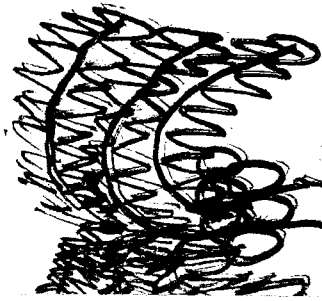
(Bruna Bardini - 02/02/2004)

Handwritten text in a cursive script, possibly a mix of English and another language. The text is arranged in approximately 15 horizontal lines. The word "OLIVA" is clearly visible in the middle section. The script is highly stylized and somewhat illegible in many places due to the cursive nature and overlapping letters.

Handwritten text in a cursive script, possibly a mix of English and another language. The text is arranged in approximately 15 horizontal lines. The word "OLIVA" is clearly visible in the middle section. The script is highly stylized and somewhat illegible in many places due to the cursive nature and overlapping letters.

15-11-2.003

NELSON



GOSTO: NATUREZA, FLÔRES, PRAIA, ANIMAIS  
GRIANÇAS, COMIDA BOA, PESCARIA.  
NÃO GOSTA: BRIGA, MENTIRA,



Wiederstein

[illegible]

MARIA

IPARECIDA

LONGALVES



SEBASTIÃO MARTIM MINEIRO - 15-11-2.003

GOSTA - CIGARRO, COMIDA, FLÔRE  
NIMAS, MÚSICA, PRAIA, CRIANÇAS.  
VIAJAR.

ÃO GOSTO - MANGA, BRIGA,

ROSÂNGELA IVE TE R UVE.

15-11-2.003



Eu sou romântica, sensível,  
compreensiva, sincera, vaidosa  
inteligente e bondosa.



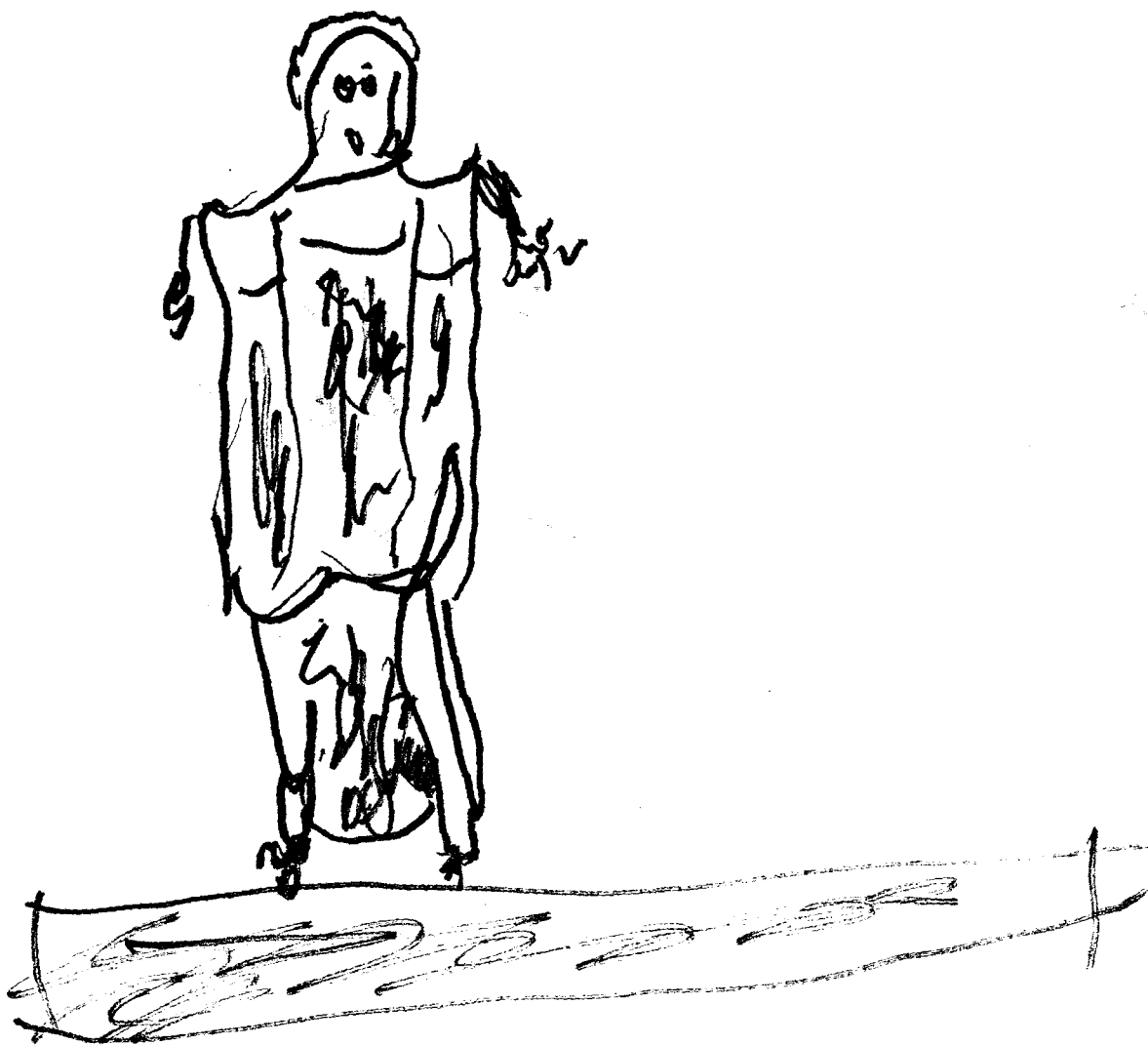
EU SOU ANALFABETA

QUE GOSTA DE FAZER OU NÃO?

NÃO SEI.



ANTONIO ADENUR. ANTIQUERA



Mãe. carituris.

Eu dan carinhoso a gosto.

de marcos com uma melha  
o qtu, de tal / ~~tem~~ tambo.  
que carinhoso. É que é mais.

has perra.  
que a ~~de~~ qtu tambo.  
has perra.

Por que

15. 11. 03

HENRIQUE WUNDERLICH F.<sup>o</sup>

56 ANOS



TIVE ATÉ AGORA NO TRANSCORRER DA MINHA VIDA, ATIVIDADES DIVERSIFICADAS, COMO ENCARREGADO DE ESCRITÓRIO E APÓS TRABALHANDO COMO VENDEDOR, ONDE OBJETIVE O PRAZER DE CONHECER PESSOALMENTE A METADE DO BRASIL. — DURANTE ± 13 ANOS. —

ATUALMENTE COMO HÓSPEDE DE ASILO P/IDOSOS, SINTOME COMO UM PRISIONEIRO, VENDO DIARIAMENTE AS MESMAS PAREDES, OS MESMOS SEMBLANTES, SUBMETENDO-ME SEMPRE AOS MESMOS RITUAIS DE HORÁRIO.

TUDO SEM UMA FUNÇÃO!

*Hen.*



É SOU MUITO FELIZ -  
AQUI APRENDI MUITA COISA  
BASTO MUITO DAS AULAS  
ELAS INCENTIVAM A GENTE

impreta. muito prazer  
muito prazer  
muito prazer

meu nome é SORCIA  
meu nome é SORCIA  
meu nome é SORCIA

meu nome é SORCIA

meu nome é SORCIA

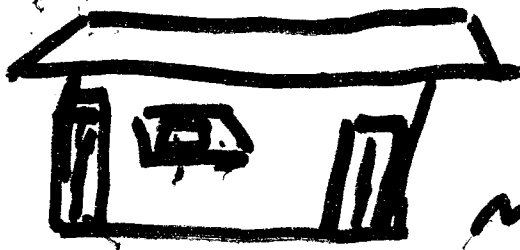
meu nome é SORCIA

meu nome é SORCIA

meu nome é SORCIA



meu = Aguirre Carlos Polito =



minha casa simples  
mas muito gostosa.

Eu acho minha casa muito  
muito acolhedora e confortável,  
e o meu da família, quem  
não gosta de sua própria casa,  
acho muito importante se goste  
de sua própria casa pois é o  
meu da família. cheio de  
carinho de amor de carinho  
e compreensão e muito amor  
esta a minha e minha casa  
e também cheia de compreensão  
e amor e amor e amor  
é minha casa simples e  
acolhedora, esta é minha casa.  
Aguirre

VAL DOMIRO SETICHAUK

1610 NERVOSO, AS VEZES

E DO COM TODO MUNDO

E CONVERSAR COM AS PESSOAS E RESPEITÁ-LAS

SEMPRE OU GRANDE

MA PESSOA SIMPLES

VE MAIS QUE EU VOU DIZER, SOU ASSIM.

GOSTO

ESSENCIAS

DO PEDREIRO DE SERVIÇO, GOSTO DE FAZER  
INTURA (TUDO ISSO MEU SERVIÇO)

EU MESMA DE OBRA

COMECEI COM 12 ANOS NESTA PROVISSÃO

EM MUITAS CASAS NO ITAIPU

UDO DE FAZER ARMADÃO DE FERRO

LIMPEZA

PESCA - CAÇAR (~~CAÇAR~~ VOU AOS DOMÍNIOS COM MEUS  
ILHOS)

MAGO PERTE AQUI, TODOS COMEM.

# MAFALDA

AULA ERA CAPIR ROÇA

QUEBRAR MILHO

ARRANCAR FEIJOÃO NA ROÇA

NUNCA PEGUEI UM LAPIS DESSE

NOME DOS NONOS E NONAS

ARCELINA E JOANA (IRMÃS)

# ELOY

GOSTO DE SORRIR

GOSTO DAQUI

DAS PESSOAS - SÃO HUMANAS

GOSTO DE VOCÊ, MUITO

DO TRABALHO QUE VOCÊ FAZ

GOSTO DA MINHA FILHA

GOSTO DE CHURRO (DE COFIDIA)

GOSTO DE TUDO

GOSTO DA SOGRA (ELA VEM VISITAR)

É DUARDO

SOU EXPLOSIVO, MAS AO MESMO  
TEMPO CARINHOSO.

ALONTECE O SEQUINTE, NINGUEM ENTENDE  
A NENHUM INTELIGÊNCIA SERIA BASTANTE  
O SENTIDO DO TRABALHO.

SOU EXPLOSIVO PORQUE EU QUERO FA-  
ZER AS COISAS E NÃO CONSIGO FAZER,  
AS PESSOAS NÃO ACREDITAM QUE  
EU POSSO CERTO.

FICO QUIETO

ORGULHO QUE NÃO QUER  
QUE NINGUEM ATUE,  
MAS A DE FUDER

# JULIA

NÃO ESTOU BEM, A SEMANA INTEIRA  
TENHO CATARATA, ENXERGO POUCO

GOSTO DE FAZER COMIDA

GOSTO DE FAZER TODO O SERVIÇO DA CASA

GOSTO DE FAZER DOCE - MINHA MÃE  
FAZ DE TUDO UM POUCO - APRENDI  
COM ELA

NÃO GOSTO DE LIMPAR A CASA

O QUE NÃO GOSTA?

NÃO LEMBRO

!! NÃO GOSTO DE ESTOURAR PITOCOS